

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Bruna Poliana Silva

**REPERCUSSÕES DA DANÇA FOLCLÓRICA ALEMÃ SOB A PERSPECTIVA DE
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E DEMAIS PARTICIPANTES.**

São Carlos

2022

Bruna Poliana Silva

**REPERCUSSÕES DA DANÇA FOLCLÓRICA ALEMÃ SOB A PERSPECTIVA DE
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E DE MAIS PARTICIPANTES.**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação Especial.

Orientadora: Prof^a Dra. Mey de Abreu van Munster

São Carlos

2022

Silva, Bruna Poliana

Repercussões da dança folclórica alemã sob a perspectiva de pessoas com deficiência e demais participantes. / Bruna Poliana Silva -- 2022. 90f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Mey de Abreu van Munster

Banca Examinadora: Mey de Abreu van Munster, Patrícia Santos de Oliveira, Marli Nabeiro

Bibliografia

1. Educação Especial. 2. Dança Folclórica Alemã . 3. Pessoa com deficiência . I. Silva, Bruna Poliana. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Bruna Poliana Silva, realizada em 31/03/2022

Comissão Julgadora

Profa; Dra. Mey de Abreu van Munster (UFSCar)

Profa. Dra. Patricia Santos de Oliveira (UFSCar)

Profa. Dra. Marli Nabeiro (UNESP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais. Não haveria jornada se eles não tivessem aberto o caminho e acreditado em mim.

Ao meu companheiro Evandro, não tenho palavras para externar minha imensa gratidão. Desde o início estive ao meu lado, sempre me apoiando em todos os projetos, principalmente no mestrado. Se dispôs a mudar de estado, de profissão, e de vida. Estamos a quase 1000 km de nossos familiares e da nossa zona de conforto, evoluindo juntos a cada dia que passa. Você realizou este sonho junto comigo.

Agradeço à minha dedicada e competente orientadora Mey, por ter acreditado em meu tema de pesquisa desde o início, por todos os ensinamentos, que foram muito além desta dissertação. Objetiva, perspicaz, incansável, presente e acessível. Obrigada por me encorajar, e por sempre ter acreditado em mim naqueles momentos em que até eu tinha perdido a fé. Obrigada por ser este exemplo de profissional tão consistente, que me inspira muito mais do que pode imaginar. É uma honra ser sua orientanda.

Agradeço às gentis palavras da professora Marli Nabeiro e da professora Patrícia Santos de Oliveira em meu exame de qualificação e defesa, cujas colaborações vão muito além das provocações que contribuíram para que o projeto inicial se tornasse esta dissertação. Ser avaliada por duas grandes mestres é uma honra, e esta oportunidade certamente me instigou a construir um trabalho melhor.

Em especial a todos alunos de dança folclórica alemã que tiveram contato comigo ao longo dessa trajetória de cinco anos como coordenadora. Foram vocês que despertaram em mim a curiosidade e vontade em fundamentar e aperfeiçoar minha prática.

Aos entrevistados desta pesquisa, agradeço o tempo e a confiança depositada em mim. Além de permitirem minha coleta de dados, me possibilitaram refletir, conhecer as múltiplas realidades em que a dança folclórica alemã está inserida e ainda, ter a certeza de que a dança alemã proporciona diversos momentos de alegria.

Agradeço, ainda, a todos os professores do Programa de Pós Graduação em Educação Especial - PPGEs, por todos os ensinamentos durante as disciplinas e ainda por fazerem da UFSCar uma instituição forte da qual eu tenho muito orgulho de fazer parte.

Aos integrantes do grupo de estudo Núcleo de Estudos em Atividades Físicas Adaptadas - NEAFA, que estiveram comigo desde o início desta jornada, além de contribuírem como avaliadores na análise por juízes. Pessoas pelas quais tenho imenso

respeito e admiração, obrigada por dedicarem tempo ao meu trabalho e pelas valiosas contribuições.

RESUMO

A dança folclórica alemã é caracterizada por ser dançada em grupo, com a formação dos dançarinos podendo ser em círculo, linhas ou quadrilhas e em pares. As coreografias representam diversas situações que remetem a cultura alemã visando resgatar e preservar as riquezas da cultura germânica por meio da dança. Dentre os seus participantes, é possível encontrar pessoas com e sem deficiência. Até o momento não foram identificados estudos envolvendo a dança folclórica alemã e seus desdobramentos na vida de pessoas com deficiência. O objetivo geral deste estudo foi compreender as repercussões da dança folclórica alemã na perspectiva das pessoas com deficiência, seus familiares, coordenadores e colegas. Como objetivos específicos pretendeu-se: a) Analisar o significado da dança folclórica alemã na vida de pessoas com deficiência; b) Identificar as impressões de familiares e integrantes do grupo em relação a participação da pessoa com deficiência. c) Investigar as possibilidades e os limites do ensino da dança folclórica alemã sob a ótica dos coordenadores. A pesquisa foi desenvolvida sob a abordagem qualitativa do tipo exploratória, sendo caracterizada como estudo de caso. Como instrumento de coleta de dados, foram empregados um questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada. Devido a localização dos participantes a coleta de dados ocorreu de forma on-line, por meio dos aplicativos gratuito Google Form e Google Meet, sendo a transcrição das entrevistas realizada manualmente. Participaram da pesquisa 19 coordenadores, 10 integrantes com deficiência, 10 familiares e 10 colegas. O tratamento dos dados foi sob análise temática e os resultados foram apresentados em três partes: descreve a característica dos participantes; descrição e discussão dos 10 casos, e em seguida a análise temática subdividida em três seções: o significado da Dança Folclórica Alemã para as Pessoa com Deficiência, ficando em evidência através das falas dos entrevistados os termos: diversão, apresentações e traje. Em seguida, as impressões dos colegas e familiares que citaram: motivação, inclusão, aprender uma nova cultura e autonomia. E quanto as possibilidades do ensino da DFA na perspectiva dos coordenadores foi citado benefícios nos aspectos sociais, físicos, culturais e cognitivos, e limites no ensino evidenciado o incentivo familiar, formação dos coordenadores, e barreiras atitudinais. Conclui-se que as repercussões da DFA para PCD permite a participação de pessoas com e sem deficiência, preservando as tradições populares e o sentimento de pertencimento entre todos os integrantes, influenciando de maneira positiva a vida dos participantes e envolvidos.

Palavras-Chave: Educação Especial. Dança Folclórica. Dança Alemã. Inclusão Social.

Pessoa com deficiência.

ABSTRACT

German Folk Dance is a group dance, the dancers being gathered in circles, lines or in pairs. Choreographies represent different situations that relate to German culture, so as to preserve the richness of this culture by the means of dance. Among the participants, one finds some disabled persons. Up to now, there have been no identified studies on German Folk Dance in regard to its impact on the lives of disabled persons. The general objective of this study was to understand the influence of German Folk Dance in the life of disabled persons. The specific objectives were: a) to analyse the meaning of German Folk Dance in the life of disabled persons; b) to identify the impressions of family and dance group members in regard to the participation of disabled persons; and c) to investigate the possibilities and limits of the teaching of German Folk Dance in the perspective of group coordinators. The research was developed in a qualitative exploratory approach as a case study. As an instrument for data collection, the researched has used sociodemographic questionnaires and semi structured interviews. Due to participants' location, data collection was carried out online, via the open applications Google Forms and Google Meet. Interviews were manually transcribed. Participants of the data collection were 19 coordinators, 10 group members with disabilities, 10 family members, and 10 fellow group members. Data was treated by thematic analysis and results have been presented in three parts: a) characteristic description of participants; b) description and discussion of the 10 cases; c) thematic analysis in three sections. First, on the meaning of German folk dance for people with disabilities, about which participants have mentioned terms such as "fun", "presentation" and "attire". Second comes the impressions of friends and family, who have mentioned "motivation", "inclusion", "autonomy", and "learning about a new culture". In regard to the possibilities of the teaching of German Folk Dance, coordinators have mentioned benefits in social, physical, cultural and cognitive aspects; in regard to its limits, they have mentioned familiar aid, coordinator training, and attitudinal barriers. One can conclude that German Folk Dance allows the participation of both people with and without disabilities, preserving popular traditions and a feeling of togetherness among all participants, which has a positive impact in their lives.

Keywords: Special Education. Folk Dance. German Folk Dance. Social Inclusion. People with Disabilities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-Representação do círculo em uma apresentação de DFA.....	28
Figura 2-Representação de pares dispostos no círculo.....	29
Figura 3 - Sequência dos contatos realizados.....	37
Figura 4 – Mapa temático do significado da DFA para a PCD.....	51
Figura 5 – Envolvidos na participação da PCD na DFA.....	54
Figura 6 – Mapa temático Impressões dos familiares e colegas.....	55
Figura 7 – Mapa temático da possibilidade e limites do ensino da DFA sob a ótica dos coordenadores.....	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Codificação e correspondência dos participantes	33
Quadro 2 – Correspondência entre os códigos dos participantes	34
Quadro 3 – Etapas da análise temática	38
Quadro 4 – Caracterização dos participantes coordenadores.	41
Quadro 5 - Caracterização dos participantes pessoas com deficiência.....	42
Quadro 6 - Caracterização dos participantes familiares.	43
Quadro 7 - Caracterização dos participantes integrantes.....	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –Tipos de deficiência que os coordenadores tiveram contato	59
--	----

LISTA DE SIGLAS

ACG – Associação Cultural de Gramado

APAE – Associação de Pais e Amigos de Excepcionais

PCD – Pessoa com Deficiência

DFA – Dança Folclórica Alemã

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 OBJETIVOS.....	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1 Dança e pessoa com deficiência.....	20
2.2 Dança Folclórica Alemã.....	22
2.2.1 Dança folclórica.....	22
2.2.2 Dança Folclórica Alemã no Brasil.....	23
2.2.3 Dança Folclórica Alemã na perspectiva da pesquisadora.....	25
3 MÉTODO.....	31
3.1 Características da pesquisa.....	31
3.2 Local.....	31
3.3 Participantes.....	31
3.3.1 Procedimentos para a identificação dos participantes.....	31
3.3.2 Critério de seleção da amostra.....	32
3.3.3 Atribuição dos códigos aos participantes.....	33
3.4 Recursos materiais.....	34
3.5 Aspectos éticos.....	34
3.6 Instrumentos.....	35
3.6.1 Transcrição das entrevistas.....	36
3.7 Procedimentos de Coleta de Dados.....	36
3.8 Procedimento para análise de dados.....	37
3.9 Fidedignidade do estudo.....	38
3.9.1 Validação do instrumento por pares.....	38

3.9.2 Uso de múltiplos instrumentos de coleta de dados	39
3.9.3 Estudo Piloto	39
3.9.4 Checagem por membros	39
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
APÊNDICES	74
ANEXOS	84

APRESENTAÇÃO

Conheci a dança folclórica alemã no início da minha adolescência, por volta dos meus doze anos quando minha mãe buscou uma atividade para que eu pudesse interagir com outras pessoas. Desde o primeiro contato me envolvi de tal forma que posso dizer que sou apaixonada não somente pela dança, mas por toda a cultura por ela representada. Por meio da dança, pude conhecer novas pessoas, novos lugares, e uma nova vida.

Mal sabia eu que, seis anos após meu primeiro contato com a dança alemã, iria me tornar coordenadora. E nessa trajetória de coordenadora de dança folclórica alemã, pude ensinar crianças, jovens e adultos a dançar. Dentre meus alunos, desde o início tive contato com pessoas com deficiência. E as suas participações com entusiasmo me fizeram perceber na prática o quanto a dança alemã fazia bem, afinal, nunca foi só dança.

Durante o curso de Licenciatura em Educação Física tive contato com disciplinas nas quais aprendi sobre a pessoa com deficiência, que despertou meu interesse a estudar mais sobre o assunto. Ao apresentar um trabalho em um congresso sobre a minha experiência sobre a dança folclórica junto aos alunos com deficiência, tive a certeza sobre meu interesse em estudar mais sobre o assunto, e aqui estou, buscando compreender na teoria e na prática os benefícios que a dança folclórica alemã pode proporcionar de forma leve e sutil na vida das pessoas com deficiência.

1 INTRODUÇÃO

Os registros iconográficos, documentos históricos, crônicas e cartas indicam que a dança sempre fez parte da vida do homem. No Brasil, os estudos acerca da dança se intensificaram em meados da década de 1980 (ROSSI; MUNSTER, 2013).

Para Cerroni e Santiago (2009), a dança busca a harmonia, o despertar para os valores culturais, envolvendo os cuidados com o corpo, a saúde física e mental, bem como a formação do senso crítico, pois a dança compreende as ações particulares e coletivas, no tempo e no espaço em que atua.

Segundo Vargas (2003), a dança promove o desenvolvimento da personalidade de maneira equilibrada, propicia a aquisição de conhecimento, conceituação, entendimento e aceitação do próprio indivíduo. A dança oportuniza a socialização, pois como prática coletiva o grupo e o conjunto são trabalhados reforçando a segurança e o reconhecimento dos próprios movimentos.

Dentre os diversos tipos e estilos de dança, a dança folclórica consiste em uma manifestação da cultura popular de um determinado povo formando sua identidade social, muitas vezes transmitido de geração para geração. Geralmente este tipo de dança manifesta-se durante eventos sociais como festas e comemorações. E entre os vários tipos de danças folclóricas, o presente estudo abrange particularmente um estilo, conhecido como dança folclórica alemã.

A Dança Folclórica Alemã (DFA) é uma manifestação cultural que teve origem na Alemanha. Possui como principais elementos a música e a organização de coreografias em círculo, que retratam o cotidiano e os aspectos da cultura alemã. Suas características permitem a participação de pessoas em diferentes condições, inclusive aquelas que possuem algum tipo de deficiência.

Segundo Kleine (2008) o conceito “dança folclórica alemã” foi construído no século XIX para descrever danças que pertenciam à cultura de determinado povo ou nação. Antes disso a prática da dança era realizada totalmente de maneira voluntária e transmitida de

geração em geração por meio da oralidade. A primeira dança considerada alemã foi a valsa, tanto em sua forma original como na *mazurkaschritt*¹ (VOITG, 2018).

Durante o século XX, conforme Bröcker (1996) o desenvolvimento da dança folclórica na Alemanha ocorreu com diferentes tipos de atividades e eventos de dança, que resultaram da história política e cultural do país. Além disso, a continuidade duradoura de várias organizações que foram fundadas para preservar e cultivar tradições de outros tempos e suas atividades ao longo dos últimos vinte anos são de interesse particular devido às modificações graduais do interesse pela dança e à mudança de direção para um tipo de movimento de dança multicultural.

Nos países de língua alemã, as danças folclóricas tradicionais ainda são realizadas em certos feriados e festivais, intrinsecamente ligados a velhos costumes e fé religiosa. Esses festivais folclóricos ou regionais são baseados em calendários locais para eventos agrícolas tradicionais, em feriados religiosos, ou em marcos da vida humana, como o nascimento de uma criança, maioridade, namoro ou casamento (WEDEKIND, 1993).

Essa transmissão da dança ocorre diferente no Brasil, nos dias atuais. Aqui, a DFA é repassada por professores que trazem o material compilado da Alemanha. A principal fonte de transmissão desse conhecimento dá-se por meio de um curso de aperfeiçoamento voltado a coordenadores de grupos folclóricos realizado na Associação Cultural de Gramado² (ACG).

De acordo com Santos (2017), a dança permite expressar momentos marcantes para as comunidades, como festas de plantio, colheita, casamentos, homenagem às profissões, brincadeiras. Essas danças foram registradas com o intuito de formalizar, preservar e transmitir os costumes por entre as gerações descendentes. Dessa forma, nos dias atuais é possível realizar pesquisas históricas nestes registros, mantendo a legitimidade do folclore alemão.

Uma característica da dança folclórica alemã é ser dançada em círculo, podendo ser em par ou não, possibilitando que todos os dançarinos se vejam e interajam entre si. No geral, é possível perceber que as músicas retratam as profissões do local de origem. No entanto, nas

¹ Definição de Mazurkaschritt: um passo utilizado na dança alemã semelhante a valsa. É composto por três passos regulares alternando os pés, como no passo ternário. É dividido em três tempos da música, na primeira junta uma perna da outra perna, transferindo o peso corporal, no segundo saltando e no terceiro, volta a juntar com a primeira sobre a mesma perna.

² De acordo com o *web site* da diretoria da Associação Cultural de Gramado, a ACG é uma entidade filantrópica, localizada na cidade de Gramado, no estado do Rio Grande do Sul. Foi idealizada por Theodor Kleine e inaugurada em 09 de janeiro de 1966, desde então, cultivando a história, tradições, costumes, língua e cultura alemã. No *web site* é possível encontrar as atividades desenvolvidas e acesso a base de dados dos grupos cadastrados. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/diretoriaculturalacg/p%C3%A1gina-inicial?authuser=0>>. Acesso em 20 de agosto de 2021.

danças infantis, o repertório tem uma finalidade lúdica, sendo possível compreender do que se trata a dança pela leitura do título correspondente, acompanhando a letra da música, ou também por meio da coreografia apresentada (SANTOS, 2017).

Foi observado por Georg Olms (1996), nos povos germânicos, a disseminação da cultura, a consciência étnica e a preservação dos costumes, transmitindo a principal característica da dança folclórica, que é a integração, socialização e diversão.

(...) a manifestação cultural mais importante no contexto do folclore “alemão” praticado no Brasil é, de modo inquestionável, a dança folclórica, embasados em figuras e estilos tradicionais da dança folclórica alemã – como a *valsa*, a *polca*, e o *plattler* – e de trajes e adereços utilizados por comunidades alemãs no passado, os especialistas do folclore organizam grupos de danças que procuram reproduzir tais práticas culturais (VOIGT, 2018, p. 26).

Os grupos de dança folclórica alemã são muito bem articulados com a comunidade local devido à oportunidade de representar uma cultura por meio da interação entre os participantes e a sociedade em suas apresentações culturais e organização de eventos. Como consequência são constituídas amizades, aproximações afetivas que se cristalizam na prática da dança e da convivência grupal (FRANZEN; BADALOTTI; CHAVES, 2019).

Conforme estudo de Alves et al. (2012), muitas pessoas com deficiência se reconhecem na dança, que tem sido uma possibilidade de se estar em sociedade. A dança pode ser um elemento de equilíbrio social para as pessoas com deficiência e/ou, possivelmente, de transformação pessoal e social (ALVES et al., 2012).

Nesse sentido, é interessante refletir sobre a dança como sendo um fenômeno de transformação individual e coletiva, compreendendo a importância sociocultural de cada uma das modalidades e categorias existentes em cada cultura. Valorizando a potencialidade de cada corpo e entendendo a sua linguagem corporal, a educação através da dança (e consequentemente, através da arte) permite a construção de um ser social, crítico e independente. (PAIVA, et al, 2021, p. 231)

Segundo Vigostki (1997) nada é aprendido ou internalizado sem que antes tenha sido experimentado por meio das relações sociais. A primeira construção do conhecimento se dá externamente, em nível interpessoal para depois ser desenvolvido em nível intrapessoal. É importante ressaltar que o domínio biológico não é desconsiderado, mas são enfatizadas a interação cultural e social como o principal meio do desenvolvimento e aprendizagem, tanto para as pessoas com ou sem deficiência.

Com o intuito de compreender como a deficiência interfere na adaptação e na interação do indivíduo com o mundo, Vigostki (1997) defende a metodologia da compensação social, cujo princípio é a inserção da pessoa com deficiência na vida social, nos diferentes espaços de atividades do cotidiano. Sendo possível identificar a importância de compreender a pessoa com ou sem deficiência como um indivíduo social, que dependendo dos estímulos

recebidos em seu ambiente de convívio poderá ser compensado entrando em conflito com o meio externo para promover o seu desenvolvimento.

É fato que o ser humano não é produto do biológico. Todavia, o local que nos desenvolvemos, quais relações estabelecemos fará a maior diferença para o saldo final do desenvolvimento. Estudos comprovam que a prática de uma expressão da arte é importante. A interação oportunizada de forma natural pela dança é indispensável para o desenvolvimento humano, pois amplia a percepção de mundo, a afetividade, capacidade de se concentrar, de manter a atenção, e organização de ideias.

De modo geral, em outros estudos, os grupos folclóricos são citados como uma forma de cultivar e entender a cultura local, mas não de investigar o significado dessa prática na vida de pessoas com deficiência. (VOIGT, 2018; GIOVANONI, 2018; SANTOS 2017) Dessa forma, a partir da contextualização por ora desenhada, e da lacuna encontrada, propõem-se o seguinte problema de pesquisa: qual o significado da dança folclórica alemã na vida de pessoas com deficiência?

Essa proposta de estudo se insere em um contexto abrangente sobre os participantes de grupos folclóricos que apresentam/possuem alguma deficiência. Ao buscar na literatura, é possível verificar trabalhos que relatam a importância e os benefícios da dança para pessoas com deficiências. No entanto, até o momento não foram identificadas pesquisas envolvendo a temática da dança folclórica alemã especificamente direcionada ao público alvo da educação especial.

Sobre a dança alemã em específico, alguns estudos trouxeram discussões como: “A dança como identidade alemã” (GIOVANONI, 2018), “O espaço de práticas do folclore “alemão” autêntico no Brasil: um Estudo de Sociologia da Cultura e da Elite” (VOIGT, 2018); “Embates na cultura: danças folclóricas alemãs e o grupo de danças de Campo Bom/RS (SANTOS, 2017).

1.1 OBJETIVOS

O objetivo geral dessa pesquisa é compreender as repercussões da dança folclórica alemã na perspectiva das pessoas com deficiência, seus familiares, coordenadores e colegas. Os objetivos específicos são:

- a) Analisar o significado da dança folclórica alemã na vida de pessoas com deficiência;
- b) Identificar as impressões de familiares e integrantes do grupo em relação a participação da pessoa com deficiência.
- c) Investigar as possibilidades e os limites do ensino dança folclórica alemã sob a ótica dos coordenadores.

O referencial teórico desse estudo, encontra-se organizado em duas partes, sendo a primeira dedicada à dança e pessoa com deficiência, e a segunda à dança folclórica alemã e a perspectiva da pesquisadora.

A pesquisa foi desenvolvida sob abordagem qualitativa do tipo exploratória, sendo caracterizada como estudo de caso. Como instrumento de coleta de dados foram empregados um questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada a 49 participantes, sendo o tratamento dos dados sob análise temática.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Dança e pessoa com deficiência

A dança é uma das formas de manifestação cultural mais antiga que se tem registro, reunindo movimento corporal, música, ritmo, expressão corporal e sentimentos variados. Como forma de arte, é capaz de comunicar e de transmitir valores e sensações estéticas; cada vez que se dança se envolvem sujeitos, contextos sociais, emoções, percepções e ideias diferentes (GONZÁLES et al., 2014).

Conceituar a dança não é uma tarefa simples, pois seus significados são construídos culturalmente, onde quer que esteja inserida. Segundo Kiouranis (2014), a dança é produzida e ressignificada constantemente pela humanidade, sofre influência da sociedade incorporando características desse contexto e disseminando conhecimentos, valores, afirmações e desejos por meio de diferentes linguagens. É possível proporcionar momentos importantes/significativos para as pessoas com deficiência da dança.

O Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015, em seu artigo 2º considera pessoa com deficiência “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (BRASIL, 2015).

A dança traz benefícios para todos os alunos. O processo de inclusão lhes propicia a consciência de que há outras pessoas interessadas em ajuda-los a aprender e em integrá-los em seu grupo. As crianças incrementam, de diversas formas, sua experiência com danças sociais, culturais e criativas, assim como usufruem dos benefícios da melhoria em termos de condição física, interações sociais, capacidade decisória e movimento motor (CONE, 2015, p. 104).

É preciso refletir sobre a dança como sendo um fenômeno de transformação individual e coletiva, compreendendo a importância sociocultural de cada uma das modalidades e categorias existentes em cada cultura. Valorizando a potencialidade de cada corpo e entendendo a sua linguagem corporal, a educação por meio da dança (e conseqüentemente, da arte) permite a construção de um ser social, crítico e independente (PAIVA et al., 2021).

Com base nos estudos de Rossi e Munster (2013), a dança envolvendo pessoas com deficiência está inserida em diferentes contextos, sendo eles: educacional, de reabilitação, artístico e esportivo, com as variadas finalidades, sendo pedagógica, terapêutica, performática e competitiva.

Os benefícios da prática da dança para pessoas com e sem deficiência, são inúmeros. Quando iniciada em idade precoce, pode ser um meio ótimo de integrar essa criança à

comunidade, estimulando suas habilidades funcionais e o sentido de auto expressão. A coordenação, o equilíbrio e a graça melhoram por meio da dança rítmica, além da dança ser uma forma de recreação que proporciona prazer e confiança no decorrer dos anos (WEAVER; CANNING, 2007).

A dança desempenha uma transformação pessoal e social por dar oportunidade tanto para as pessoas com deficiência que a praticam quanto para as pessoas sem deficiência que visualizam seus desempenhos, ocasionando reflexões referentes à aceitação de diferentes corpos e expressões corporais, sem desqualificar ou menosprezar qualquer forma de diversidade, seja ela física/motora, intelectual, sensorial, auditiva, entre outras. (SANTOS; ROBLE, 2018)

Cerroni e Santiago (2009) citam que a dança para a pessoa com deficiência contribui em diferentes áreas, como por exemplo, a coordenação motora, socialização, disciplina, independência, autoestima; estado de humor, autoconfiança; diminuição da ansiedade, evita depressão; e ajuda na resistência anaeróbica, eficiência cardiorrespiratória.

Em qualquer manifestação da dança em caráter social ou cultural, que seja adequada, é possível e muitas vezes necessário modificar a formação, a cadência, a complexidade das aptidões exigidas e o número de movimentos, de forma adaptá-las ao nível de habilidade na qual se encontram. Embora tenham movimentos e formações tradicionais, a introdução de variações é aceitável, desde que não se perca a essência da dança (CONE, 2015).

A interface dança e deficiência pode ocorrer de maneira que a deficiência fique visível para o público ou não. dança em cadeiras de roda é um exemplo de modalidade que permite que a PCD participe da dança com a cadeira, e ficando visível para o público sua deficiência.

Para isto, é preciso que a dança esteja significada nestas pessoas de tal maneira que permita que elas possam atuar e deslocar este implícito das pessoas. É necessário que a cadeira de rodas deixe de ser um elemento estigmatizante do deficiente físico e passe a proporcionar-lhe a possibilidade da dança enquanto elemento de prazer do corpo. Para isto ela deve se tornar um instrumento re-significado re-inventada pela própria dança. (FERREIRA; FERREIRA, 2004, p.16)

Por intermédio da dança, o modo de se expressar com o mundo tem uma importância significativa para o desenvolvimento do indivíduo, por meio das expressões culturais, afetivas, sociais e cognitivas (SANTOS; TAVARES, 2011).

Assim sendo, Rossi e Munster (2013) investigaram a produção científica acerca da dança para pessoas com deficiência em teses e dissertações nacionais e concluíram que tais estudos são importantes, “pois se preocupam em dar a voz às pessoas com deficiência para que possam relatar vários aspectos, como aqueles que refletem como a dança influencia suas

vidas e suas relações sociais, como compreendem o corpo deficiente que dança e o significado dela para si” (ROSSI; MUNSTER, 2013, p.198).

2.2 Dança Folclórica Alemã

2.2.1 DANÇA FOLCLÓRICA

O termo folclore surge da união das palavras *folk* que significa “povo” e da palavra *lore* que significa “saber”. Assim, seu significado pode ser definido como “sabedoria do povo”, que foi um termo proposto pelo inglês William John Thoms, em carta famosa ao Athenaeum de Londres, publicada em 22 de agosto de 1846 (AZEREDO, 2016)

Cachambu et al. (2005) definem o folclore como as tradições de um povo, demonstrando as diversas formas de expressões de diferentes grupos sociais, estando presente no nosso cotidiano por meio de linguagens, vestimentas, gestos, lúdico e costumes.

Como se sabe, o termo folclore remete a um conjunto amplo de manifestações culturais, ligadas intrinsecamente a fontes “populares”: a música, as festas, a culinária, as lendas, os contos, as figuras mitológicas, a dança, a indumentária, as canções populares e infantis, e assim por diante (VOIGT, 2018).

Assim, no contexto do presente estudo destaca-se a dança folclórica, que é vista como um conjunto de manifestações culturais. Frade (1997) define as danças folclóricas como expressões por meio da dança, que pode ser realizada de forma individual ou coletiva, no qual o elemento principal é a coreografia.

Segundo Santos (2017), a dança folclórica possui sua própria marca cultural e essa expressão é simbolizada por meio de gestos, movimentos e representações. O autor cita que o folclore é um componente vivo, mesmo que seja recriado ou “repaginado”, há muitos elementos essenciais que necessitam ser absorvidos e consagrados pelos grupos sociais, de forma a ser transmitido para as futuras gerações.

De acordo com Azeredo (2019, p.15), “a dança é a representação em geral que impõe uma vestimenta especial e distinta para sua manifestação, sendo popular no campo de folclore, o que reduz àqueles aspectos não materiais (artísticos e estéticos) da vida dos povos”.

Além de produção cultural, a dança é um patrimônio não material, criada pelos indivíduos e característica de um grupo social, é uma manifestação de arte presente em diferentes sociedades com formas e expressões variadas, envolve a expressão individual e produz a memória coletiva de um povo (STTRAZZACAPPA, 2001).

Todos sabemos o quanto as danças folclóricas fazem parte de uma cultura estrangeira. Não são apenas eles um elemento importante de festivais e celebrações estrangeiras hoje, mas nos ensinam muito sobre a história, geografia, atitudes, tradições e vida cotidiana de pessoas estrangeiras. Participando de uma dança folclórica, o aluno estará aprendendo sobre a cultura estrangeira nem sempre pegando uma caneta e papel - e ele também se lembrará disso por mais tempo. (WEDEKIND, 1993, p. 33)

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), define como Patrimônio Imaterial: as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e que transmitem seus conhecimentos a seus descendentes (UNESCO, 2006).

Para além dos aspectos físicos da cultura, há muito mais contido em tais manifestações: as tradições, o folclore, os saberes, as línguas, as festas e diversos outros aspectos transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. E dentre os tipos de dança folclórica, encontramos a dança folclórica alemã, objeto de estudo dessa pesquisa.

2.2.2 DANÇA FOLCLÓRICA ALEMÃ NO BRASIL

Historicamente o Brasil tem recebido influência da cultura dos países de onde são originários seus imigrantes. Dentre eles, a Alemanha é considerada como o quinto país com maior grupo de estrangeiros que contribuíram para construção do povo brasileiro, influenciando os modos de ser e viver principalmente nos estados que receberam mais imigrantes oriundos da Alemanha. As grandes ondas migratórias que partiram da Alemanha em direção ao Brasil, tiveram início em 1824 (LIEBEL, 2018).

Segundo Kleine (2008), “os alemães trouxeram riquezas como seu idioma, sua cultura, seus conhecimentos e sua religião”. Com isso, começaram a trabalhar para sobreviver, sem deixar de lado a conservação da cultura e dos costumes.

Por isso em cada povoação eram construídos os chamados “*Kulturvereine*”, ou sociedades culturais, onde as famílias se encontravam para cantar, acompanhado por algum instrumento musical, liam-se e contavam-se histórias para crianças e adultos, fazia-se teatro, danças folclóricas e danças de salão (bailes). No campo eclesiástico festejavam-se as datas religiosas e o dia da sagração da igreja, conhecido como “*Kerb*” (*Kirchweihfest*), costume perpetuado até os dias de hoje (KLEINE, 2008, p.02).

A preservação da cultura e língua alemã, todavia, é uma característica dos imigrantes alemães e suas comunidades. Devido à maior concentração dos imigrantes alemães na região sul, é possível encontrar a dança folclórica alemã principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Porém, encontra-se grupos que cultivam essa cultura em

outros estados brasileiros, como por exemplo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (ACG, 2021).

A prática da dança folclórica é muito importante para manter viva a memória dos imigrantes e descendentes de alemães e, simultaneamente, para a autoimagem pessoal e grupal que buscam construir a tradição e o folclore alemães, que são considerados como “herança”. No entanto, um folclore pautado pelo “resgate” histórico implica a definição de uma herança específica, e de um tipo de descendência a ser construída (VOIGT, 2018).

Segundo informações disponibilizadas no site da diretoria da Associação Cultural de Gramado (ACG), atualmente soma-se 88 grupos de danças folclórica alemã filiados à ACG. Os grupos tem o objetivo de cultivar a cultura alemã por meio da dança (ACG, 2021). Cada grupo possui um ou dois coordenadores como é denominado entre os participantes, mas que, para melhor entendimento, a função de coordenador se baseia em ser o responsável do grupo em repassar as danças, ou seja, exercendo a função de professor.

Sendo assim, instituições como a ACG realizam uma mediação cultural entre, as fontes históricas para a prática do folclore e os especialistas provenientes da Alemanha, e de outro, os folcloristas brasileiros (VOIGT, 2018, p.33).

Uma das formas das danças folclóricas alemãs chegarem no Brasil foi por intermédio de professores que vindos da Alemanha ou da Europa para ministrar seminários, ou cursos de aperfeiçoamento. Uma das principais fontes para esse contato é a ACG, localizada na cidade de Gramado, no estado do Rio Grande do Sul (ACG, 2021).

(...) a Associação Cultural Gramado foi idealizada pela Federação dos Centros Culturais 25 de Julho – que congregava instituições que atuavam na promoção e preservação da cultura e da tradição alemãs no Brasil, especialmente do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Segundo a própria ACG, a missão da instituição é “preservar a cultura da Alemanha e do Brasil através do ensino e da execução da dança, mantendo as raízes da tradição em permanente processo de rememoração, assegurando a *fidedignidade histórica necessária*” Anualmente, a ACG oferece cursos de qualificação para coordenadores de grupos folclóricos filiados à Associação. Nestes cursos, são repassadas as danças e tradições folclóricas “resgatadas” e normatizadas por meio de pesquisa histórica e que, portanto, possuem *fidedignidade* e autenticidade (VOIGT, 2018, p. 29).

Segundo Kleine (2008), a Casa da Juventude, local em que hoje se encontra a ACG, em parceria com a Federação 25 de Julho, realizou seu primeiro curso de danças folclóricas alemãs em janeiro de 1983, por intermédio do professor Theo Kleine, na época, para os grupos ligados aos Centros Culturais. Já no primeiro ano, contou com a participação de 30 coordenadores de grupos, e no segundo ano esse número dobrou, o que fez necessário realizar dois cursos, e nos anos seguintes, até três temporadas (KLEINE, 2008).

Na seção 2.2.3 é apresentado características da dança folclórica alemã que não são encontradas na literatura, baseada na experiência da autora.

2.2.3 DANÇA FOLCLÓRICA ALEMÃ NA PERSPECTIVA DA PESQUISADORA

Diante da dificuldade em encontrar na literatura informações sobre características da dança folclórica alemã e da sua prática no Brasil, percebeu-se a necessidade de apresentar essa seção, com a perspectiva da pesquisadora sobre o tema, embasada na sua experiência e material pessoal.

A afinidade e a estreita relação da pesquisadora com a dança, facilita a entrada no campo de pesquisa, pois possibilita acesso direto a alguns dos coordenadores dos grupos folclóricos do Brasil durante os cursos de aperfeiçoamento realizados na ACG, e também por intermédio de eventos festivos proporcionados pela dança.

Encontra-se muitos grupos de DFA no Brasil, o que os aproxima é o objetivo comum entre eles: manter e preservar a cultura alemã por meio da dança. Uma das principais características é ser formado por pessoas voluntárias e com disponibilidade de tempo e interesse, que em algum momento se unem e formam uma associação sem fins lucrativos, e se encontram semanalmente para os ensaios das coreografias, e posteriormente participam de apresentação em eventos.

Neste sentido, a presente pesquisa pretende contribuir com o campo de estudos sobre a relação da Dança Folclórica Alemã (DFA) e as Pessoas com Deficiências (PCD). Além disso, deve-se sublinhar a estreita relação da pesquisadora com o objeto de estudo, facilitando o acesso as pessoas envolvidas.

a) Coordenadores

Cada grupo possui um ou dois coordenadores que são responsáveis pelo ensino da coreografia das danças. Em muitos casos, os coordenadores, são cidadãos da comunidade local que se disponibilizam para trabalhar voluntariamente com e pelo grupo. Mas também, encontra-se cidades que possuem auxílio financeiro do poder público municipal, com pagamentos de profissionais para ministrar as aulas.

Muitas vezes nesses casos, as aulas são disponibilizadas por meio de oficinas gratuitas pela prefeitura municipal. Em ambos os casos, existem as apresentações culturais, que são momentos que o grupo realiza aparições públicas, quando é exibido o resultado dos encontros semanais à audiência.

Para se tornar um coordenador, é preciso ter conhecimento e experiência sobre a prática da DFA. Uma das formas de se aperfeiçoar na área, é participar de cursos oferecidos pela ACG, que promove anualmente cursos de aperfeiçoamento para coordenadores desses grupos no período de férias, sendo realizado normalmente nos meses de janeiro e de julho. Nesses encontros os coordenadores de grupos folclóricos reúnem-se para trocar experiências e adquirir conhecimento na prática das danças trazidas pelos professores da Alemanha, sempre mantendo vivas as tradições.

Os participantes dos grupos folclóricos são em sua maioria subdivididos em categorias por idade, podendo ser infantil, juvenil, adultos e terceira idade, apesar de não existir uma regra para isso. Essa divisão acontece de forma natural, visto que dependendo da faixa etária, as danças possuem características diferentes.

Para o público infantil, é comum que sejam brincadeiras dançadas, representando profissões, animais, e partes do corpo, por exemplo. Já nos grupos juvenis e adultos, as danças em sua maioria possuem um histórico, um motivo de ser dançada. Seja por representar um período histórico, uma profissão, uma festa ou uma região da Alemanha. Já na terceira idade, normalmente as danças são adaptações das danças dos grupos adultos, considerando que muitos participantes possuem restrições de movimento.

b) Ensaios

Os ensaios acontecem em salões comunitários, escolas, teatros, ou ainda lugares cedidos por prefeituras municipais como por exemplo, centro de eventos.

Os grupos se reúnem uma vez por semana, com encontros variando de uma até três horas de duração, a depender do grupo. É frequente que grupos infantis e de terceira idade o tempo de duração seja menor, e grupos juvenis e adultos dediquem maior tempo aos ensaios.

Não existe uma única estrutura de aula. Cada grupo adapta a sua realidade, de acordo com o momento. Em épocas de Oktoberfest por exemplo, costuma-se ter mais encontros semanais por conta da maior demanda de apresentações.

No que se refere a estrutura dos ensaios, é dividido com momentos de conversa e de prática da dança. Os dançarinos auxiliam em decisões importantes do grupo, como por exemplo: participação ou não em eventos, formação de pares, escolhas de quais danças farão parte do repertório de apresentações, entre outras. Por isso, é reservado o momento inicial ou final para esse momento de conversa, geralmente realizado com os dançarinos sentados em círculo em formato de roda de conversa, com a condução da fala realizada pelo coordenador.

O momento principal é a da prática da dança. A metodologia de ensino varia de acordo com cada coordenador e com o momento que o grupo se encontra. Se a prioridade for aprender uma coreografia nova, repete-se várias vezes as figuras, até que todos aprendam e memorizem a sequência e o ritmo da música.

A retomada das coreografias conhecidas pelo grupo faz parte de todos os ensaios, e tem vários objetivos, seja para aquecimento antes de introduzir novos elementos, ou para aprimorar o ritmo e qualidade das coreografias.

A estrutura altera quando o objetivo é exclusivamente de preparação para uma apresentação. Nesse momento, é decidido quem serão os pares, como será a organização de palco quais e quantas danças serão apresentadas, com base no repertório do grupo. Nesta ocasião, é comum que as coreografias sejam repetidas a quantidade de vezes necessárias até que o coordenador julgue suficiente.

Esse preparo também varia de acordo com o formato do evento que será apresentado, considerando que alguns solicitam a interação do público ao final, que são as chamadas dança de integração e que também demandam preparação dos dançarinos para saberem como agir com o público.

As danças de integração acontecem durante os eventos festivos, muito tradicionalmente em encontros de grupos folclóricos. Após a apresentação do grupo, cada dançarino chama uma pessoa do público para compor seu par, e com os comandos do dançarino o público dança junto.

Assim que o termina o momento do ensaio, realiza-se novamente uma roda de conversa para avaliar o ensaio e estabelecer objetivos futuros.

c) Características das coreografias

Embora não exista uma regra que limite a quantidade de pessoas para formar um grupo de DFA, costuma-se encontrar grupos formados desde seis dançarinos até 20, 30 pessoas. Cada localidade se organiza de forma diferente. Alguns consideram a quantidade de trajes, outros o tamanho do espaço para os ensaios para limitar a quantidade de participantes.

Tratando-se de formação das coreografias, encontra-se: dança individual, envolvendo um dançarino. Um par (um dançarino e uma dançarina) apresenta a dança. Um trio, formado por três pessoas (geralmente um dançarino entre 2 dançarinos). Dois trios, posicionados frente a frente, dançam entre si. Quadrilhas, com quatro pares. Em grupo com quatro ou mais pessoas, independentemente do sexo, são necessárias para a execução da dança. Em grupo com

muitas pessoas, pares, muitas vezes com números ímpares de pessoas, fazem parte. Também existe danças só com a participação masculina ou só com a participação das moças,

Grande parte das danças iniciam e são dançadas em círculo, com o grupo com as mãos dadas ou cada um com o seu par. Em muitas danças, principalmente em par os dançarinos se movimentam sobre um caminho imaginário que circunda a pista de dança. Movimentando-se na direção de dança (contra os ponteiros do relógio), no sentido da roda como pode ser observado na figura 1. Ou também na direção contrária a esse movimento.

Figura 1-Representação do círculo em uma apresentação de DFA



Fonte: arquivo pessoal da autora. (2018)

Os pares podem se dispor lado a lado, frente a frente, em par na posição de um após do outro (o dançarino segura com a sua mão direita a mão direita da dançarina, sobre o ombro direito da mesma. Com a sua esquerda, dobrada para o lado esquerdo, a mão esquerda da dançarina), e também podem se posicionar em círculo, de frente para o centro de mãos dadas (figura 1).

Outra característica marcante da DFA, é a repetição de figuras durante a coreografia. E também ser dançada em par (dois a dois) representado na figura 2, e em algumas danças é solicitado que os pares se alterem durante a música.

Figura 2-Representação de pares dispostos no círculo



Fonte: arquivo pessoal da autora. (2018)

Embora não seja possível identificar visualmente, existem participantes com deficiência inseridos nos grupos representados nas figuras 1 e 2.

d) Participação de dançarinos com deficiência

No que se refere aos cuidados didáticos para esse público se assemelha ao público em geral. Mas é preciso considerar que o as PCDs exigem algumas alterações seja na coreografia geral ou na forma como o par irá desenvolver determinada figura. E essa adaptação se faz necessária para que a PCD se sinta confortável e consiga dançar com o grupo.

As PCDs estão inseridas nos grupos de DFA de forma natural, na maioria das vezes por conta do incentivo dos pais e familiares que já dançavam em algum momento, ou até mesmo influência terceiros. As adaptações fazem parte desse meio para que todos consigam dançar, não se limita exclusivamente voltado a esse público. Essa fato também torna essa participação mais tranquila e inclusiva.

e) Apresentações

A apresentação é produto final dos grupos de DFA, se exige uma preparação diferenciada, com ensaios mais regrados, mais repetições, ou até mesmo a organização de uma viagem, e com isso, os participantes acabam ficando muito engajados nas atividades do

grupo, visto que tem um objetivo a cumprir e precisam atingir um resultado satisfatório ao seu coordenador e colegas de grupo.

O grupo pode receber um convite para realizar uma apresentação de uma empresa, entidade, escola, ou festivais por exemplo. E cabe ao coordenador verificar a disponibilidade dos dançarinos e organização de locomoção até o local. É comum que quando ocorre apresentações em localidades mais distantes, os grupos se desloquem de ônibus com todos os integrantes juntos.

f) Trajes

O traje típico alemão é composto por algumas peças que o identificam. Para as meninas na maioria das vezes é formado por blusa, saia, vestido, avental, meia e sapatos. E para os meninos: camisa, colete, calça, suspensório, chapéu, meia e sapato. Apesar dos trajes possuírem características em comum, os detalhes que os diferenciam.

Cada grupo é livre para escolher qual o modelo do seu traje. Alguns fatores devem ser considerados durante a escolha do modelo, considerando que cada adereço, tipo de tecido, cor, formato e tamanho tem uma representatividade dentro do folclore alemão.

Costuma-se basear em aspectos históricos da cidade em que o grupo se localiza, ou até mesmo dos tipos de dança que o grupo costuma dançar. Opta-se em dançar mais danças oriundas da região sul do que de outras regiões, por exemplo, busca-se modelos de trajes que representem tal região.

Por meio do traje também se expressa uma identidade. Alguns detalhes como a amarração do laço do avental da menina podem indicar o seu estado civil, por exemplo. O uso dos trajes é exclusivo para os momentos das apresentações.

O custo para adquirir um traje folclórico baseado em estudos realizados por pessoas que se dedicam a isso se torna inviável a realidade de alguns grupos. Por isso, também se encontra grupos que utilizam de trajes chamados de “*Dirndl*” que são trajes sem um histórico envolvido.

3 MÉTODO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Sob abordagem qualitativa, foi desenvolvida uma pesquisa do tipo exploratória, caracterizada como estudo de caso.

A abordagem exploratória utilizada nesse estudo permite proporcionar uma visão geral, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis sobre o assunto (GIL, 2008).

De acordo com Gil (2008), o estudo de caso vem sendo mais utilizado por pesquisadores sociais, com três diferentes finalidades: explorar situações de vida real, cujos limites não estão definidos; descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação, ou ainda explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não permitem o uso de experimentos.

Para Yin (2001) o estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinar acontecimentos contemporâneos, quando não se pode manipular comportamentos relevantes. Representando uma maneira de se investigar um tópico empírico seguindo-se um conjunto de procedimentos pré-especificados.

3.2 LOCAL

Devido a pandemia do Covid-19 e a localização dos participantes, a coleta dos dados foi realizada de forma on-line. Desse modo o participante pode responder no local de sua preferência, por meio de um aparelho de celular, *tablet*, *notebook* ou computador com acesso à internet.

3.3 PARTICIPANTES

3.3.1. Procedimentos para a identificação dos participantes.

O processo de identificação dos participantes deu-se por meio das seguintes etapas:

- a) Contato com a Associação Cultural de Gramado que é responsável pelo repasse das danças por meio dos professores da Alemanha para seus grupos credenciados. Apresentando o objetivo da pesquisa e solicitação do contato dos coordenadores dos grupos de dança folclórica alemã que são associados a ACG;

- b) Contato com os respectivos coordenadores responsáveis pelos grupos, para apresentação da pesquisa e convite para participar, para aqueles que já tiveram contato com pessoas com deficiência em seus respectivos grupos;
- c) Envio do questionário sociodemográfico com o aceite para participar da pesquisa, para aqueles coordenadores que acusaram que já tiveram alunos com deficiência em seus respectivos grupos;
- d) Após o preenchimento do formulário e aceite em participar da pesquisa, entrou-se em contato via WhatsApp com os coordenadores para agendar dia e horário da entrevista;
- e) Realização da entrevista e solicitação do contato do aluno com deficiência, e/ou familiares/responsáveis e algum integrante dançarino;
- f) Contato via WhatsApp com os demais participantes para apresentação do objetivo da pesquisa e convite para participar;
- g) Envio do link do questionário sociodemográfico com o aceite para participar da pesquisa;
- h) Após o participante aceitar participar, foi novamente enviada mensagem via WhatsApp para agendar a entrevista;
- i) Realização da entrevista com os demais participantes: dançarino com deficiência, colega integrante do grupo e familiar/responsável desse dançarino com deficiência.

3.3.2 Critério de seleção da amostra.

Os critérios de inclusão adotados para a seleção dos participantes dessa pesquisa foram:

- a) Coordenadores: ser coordenador de grupo folclórico alemão por um período mínimo de seis meses; possuir ao menos 40 horas de curso para aperfeiçoamento de coordenadores de grupos folclóricos fornecidos pela Associação Cultural de Gramado; ter tido ao menos um aluno com deficiência durante o período de seis meses; possuir acesso a meios digitais de tecnologia e comunicação que permita a participação na pesquisa à distância;
- b) Pessoa com deficiência: ser praticante da dança folclórica por um período mínimo de seis meses; apresentar algum tipo de deficiência ou transtorno global de desenvolvimento; possuir acesso a meios digitais de tecnologia e comunicação que permita a participação na pesquisa a distância.
- c) Familiar/Responsável de pessoa com deficiência: possuir grau de parentesco com uma pessoa que apresente algum tipo de deficiência ou TGD e que seja praticante de dança

folclórica por no mínimo seis meses; possuir acesso a meios digitais de tecnologia e comunicação que permita a participação na pesquisa realizada à distância.

d) Colegas de pessoa com deficiência de grupos folclóricos: ter participado de algum grupo folclórico por um período mínimo de seis meses; ter acesso a meios digitais de tecnologia e comunicação que permita a participação na pesquisa à distância.

3.3.3 Atribuição dos códigos aos participantes

Com o intuito de preservar a identidade dos participantes foram atribuídos códigos, estes formados pela inicial da função que o participante exerce (coordenador, participante com deficiência, familiar ou integrante colega do dançarino com deficiência), acrescido de um número, possibilitando a identificação e distinção entre os participantes da pesquisa. A exemplificação pode ser identificada no quadro 1.

Quadro 1 - Codificação e correspondência entre os participantes

Função	Abreviatura	Número
Coordenador	C	1-19
Participante com deficiência	P	1-10
Família	F	1-10
Integrante colega	I	1-10

Fonte: Elaborado pela própria autora. (2022)

Participaram da pesquisa um total de 19 coordenadores de diferentes grupos de dança alemã, 10 participantes com deficiência, 10 familiares e 10 integrantes colegas do dançarino com deficiência., totalizando 10 casos completos para ser analisado, mais nove coordenadores.

Para facilitar o entendimento, os dados de correspondência entre os códigos dos participantes podem ser conferidos no quadro 2.

Quadro 2 - Correspondência entre os códigos dos participantes

Caso	Coordenador	Participante com deficiência	Familiar	Integrante
1	C1	P1	F1	I1
2	C2	P2	F2	I2
3	C3	P3	F3	I3
4	C4	P4	F4	I4
5	C5	P5	F5	I5
6	C6	P6	F6	I6
7	C7	P7	F7	I7
8	C8	P8	F8	I8
9	C9	P9	F9	I9
10	C10	P10	F10	I10
	C11 a C19			

Fonte: Elaborado pela própria autora. (2022)

Por conseguinte, foi possível apresentar e analisar um total de 10 casos completos. Embora os coordenadores C11 a C19 tenham colaborado com as entrevistas, não foi possível ter acesso aos participantes dançarinos com deficiência e conseqüentemente, aos familiares e integrantes do respectivo grupo de dança folclórica alemã., por isso, os nove coordenadores que participaram além do número de casos completos, tiveram suas participações analisadas em outra categoria.

3.4 RECURSOS MATERIAIS

Os materiais necessários para a realização dessa pesquisa foram: microcomputador e celular com acesso à internet. Além da utilização das plataformas de acesso como o *Google Meet* e *Google Form* que são disponibilizadas gratuitamente.

As entrevistas serão gravadas com o recurso disponibilizado pela plataforma, sendo possível arquivar para ter acesso posteriormente e transcritas de maneira manual.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

Sabendo que a pesquisa envolvendo seres humanos deve ancorar-se numa série de considerações éticas devido ao intenso contato pessoal com os participantes, ressalva-se que o presente estudo será elaborado de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos e suas complementares (Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde).

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), parecer CAAE 40324120.7.0000.5504 (ANEXO A). Após a aprovação pelo CEP foi entregue uma carta de apresentação à Associação Cultural de Gramado contendo

uma cópia do parecer de aprovação contendo o número do parecer e a assinatura da responsável pela pesquisa, para a explicitação dos principais objetivos do estudo. Foi solicitado o contato dos grupos folclóricos para o mapeamento dos grupos folclóricos que contam com participantes com deficiência.

Após os participantes serem selecionados, a pesquisadora entrou em contato com os coordenadores dos grupos apresentando a pesquisa e solicitando a participação. Com base na entrevista com o coordenador, foi solicitado que o mesmo indicasse o contato do participante com deficiência para que a pesquisadora pudesse entrar em contato com o mesmo. Após isso, os familiares, bem como os participantes recrutados receberam orientação e esclarecimentos referentes aos objetivos, procedimentos e possibilidades de benefícios, riscos e ressarcimento com a pesquisa.

Foi assegurada aos participantes a liberdade de participar ou não da pesquisa, que poderia retirar o seu consentimento em qualquer etapa do estudo, sem nenhum tipo de dano ou prejuízo, conforme o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (APÊNDICE C) que será lido e assinado pelos pais ou responsáveis autorizando a participação na pesquisa, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE D) assinado pelos demais participantes.

Foi assegurado sigilo quanto a identidade dos participantes, o caráter confidencial das informações relacionadas com a privacidade e proteção da imagem. Com relação aos dados, os participantes tiveram e terão livre acesso para análise das informações em qualquer etapa da pesquisa, e puderam a qualquer momento entrar em contato com os pesquisadores por meio de telefone e/ou endereço de correspondência eletrônica.

Após esse procedimento, foi iniciado a coleta de dados.

3.6 INSTRUMENTOS

Para a coleta de dados, optou-se pela utilização de dois instrumentos: questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada.

O questionário foi elaborado com o objetivo de coletar informações gerais sobre os participantes, permitindo uma identificação geral, incluindo nome, nome do grupo que pertence, localização, tempo de experiência na dança alemã e aceite em participar da pesquisa. O roteiro do questionário encontra-se disponível no Apêndice A.

Já a entrevista permite a obtenção de “[...]informações de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza informal” (MARCONI; LAKATOS; 2003, p. 195).

De acordo com os autores, trata-se de um procedimento de coleta de dados de um problema social, amparado em vantagens e desvantagens.

Dentre os tipos de entrevista optou-se em realizar a entrevista semi-estruturada por ser a mais adequada diante dos objetivos desta pesquisa, pelo fato da presença de um roteiro que visa proporcionar um direcionamento ao pesquisador para a condução da entrevista rumo ao objetivo definido, organização prévia e a possibilidade de fornecer informações precisas e compreensíveis ao entrevistado. E também por permitir a possibilidade de reajustes do roteiro diante das necessidades que podem surgir mediante a sua realização (MARCONI; LAKATOS, 2008).

As entrevistas foram realizadas via remota por meio do aplicativo Google Meet, em dia e horário determinado pelos entrevistados. O roteiro de entrevista encontra-se no apêndice B.

3.6.1 Transcrição das entrevistas

Para a realização da transcrição das entrevistas, foi realizado a gravação. Conforme Minayo (2012), é por meio da gravação que é possível efetuar um registro fidedigno dos dados oriundos do momento da entrevista. Mas para isso é preciso que o pesquisador transcreva as informações o mais próximo da realidade possível, exatamente da forma como o entrevistado disse, para posteriormente serem analisadas.

3.7 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O contato dos participantes foi concedido pela ACG, após isso, foi entrado em contato com os coordenadores convidando para participar da pesquisa. Inicialmente buscou-se contactar aqueles que já tiveram contato com algum integrante com deficiência enquanto coordenador de grupo de DFA. Dessa forma, aqueles que acusaram que sim, foram convidados para a pesquisa e após o aceite foi enviado o questionário via *Google Form*, posteriormente, foi combinado com os participantes o dia, horário para a realização da entrevista.

A entrevista do coordenador serviu de base para o contato com os demais participantes. E após a entrevista, a pesquisadora solicitou o contato de um familiar e de um colega do integrante com deficiência, assim como podemos visualizar na Figura 3.

Figura 3 - Sequência dos contatos realizados



Fonte: elaborado pela autora. (2021)

A coleta de dados foi realizada por meio de chamada de vídeo, utilizando-se a plataforma *Google Meet*. Com o e-mail institucional da pesquisadora, sendo possível realizar a gravação da entrevista para realizar a transcrição e análise.

Após o aceite para participar da pesquisa, os participantes foram convidados para a entrevista. Sendo entrevistados 19 coordenadores, 10 familiares, 10 colegas e 10 pessoas com deficiência que também participaram da pesquisa. Ou seja, tivemos 10 casos completo (coordenador + familiar + PCD + colega) analisados.

As entrevistas dos coordenadores tiveram duração de aproximadamente 45 minutos cada, já dos outros participantes o tempo de duração foi consideravelmente menor. No início sempre sendo realizada a solicitação para a gravação e após o aceite, a pesquisadora apresentava o objetivo da pesquisa e iniciava a entrevista. Posteriormente, sendo realizada a transcrição de maneira manual, sendo transcritas todas as falas para serem analisadas posteriormente.

3.8 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

O tratamento dos dados foi subdividida em três etapas: em um primeiro momento, a caracterização dos participantes, e depois, a análise dos casos completos e na sequência a

seção de apresentação e discussão da análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006), seguindo as seis etapas sugerida pelos autores, conforme quadro 3.

Quadro 3 – Etapas da análise temática

Etapas	Descrição do processo
1. Familiarização com dados	Transcrição dos questionários e das entrevistas, leitura e apontamentos iniciais.
2. Gerando códigos	Cada participante recebeu um código para sua identidade ser preservada e ser possível identificar sua participação na pesquisa. Sendo formado com a letra inicial da sua função.
3. Buscando temas	Agrupamento dos temas que correspondem aos objetivos da pesquisa
4. Revisando temas	Verificação dos temas, realizando um mapa temático
5. Definindo e nomeando temas	Nova análise para refinar as especificidades de cada tema, e a história geral contada pela análise; geração de definições e nomes claros para cada tema.
6. Produzindo o relatório	Produção de um relatório de acordo com a seleção de exemplos citados, como forma de desenvolver uma análise final dos relacionando com o objetivo da pesquisa.

Fonte: elaborado pela autora com base em Braun e Clarke (2006).

3.9 FIDEDIGNIDADE DO ESTUDO

3.9.1 Validação do instrumento por pares

Os instrumentos elaborados pela pesquisadora foram submetidos a procedimentos de validação por pares anteriormente a sua aplicação (BRANTLINGER et al., 2005). Para esse processo, participaram cinco pesquisadores com formação em Educação Física e especialistas na área da Educação Especial, dentre eles, dois doutores, e três mestres, sendo integrantes do Núcleo de Estudos em Atividade Física Adaptada – NEAFA/UFSCar. Para esse processo, foi realizada e gravada uma reunião pela plataforma do Google Meet.

A validação deste instrumento, perpassou por três momentos: apreciação por pares, checagem dos membros e estudo piloto. O roteiro elaborado pela pesquisadora foi submetido pelo procedimento de validação por pares, submetida ao crivo dos integrantes do Núcleo de Estudos em Atividade Física Adaptada – NEAFA/UFSCar. Após a realização das entrevistas, procedeu-se à transcrição e posteriormente analisadas. (BRANTLINGER et al., 2005).

Inicialmente a pesquisadora apresentou o objetivo da pesquisa, a finalidade do instrumento, quem seriam os participantes, e os procedimentos da pesquisa, visando proporcionar o máximo entendimento e possibilitar uma análise clara e objetiva. Após isso, cada questão de forma individual foi analisada pelo grupo, realizando as correções e adaptações necessárias.

Para garantir a fidedignidade do estudo, foram realizados os seguintes recursos:

3.9.2 Uso de múltiplos instrumentos de coleta de dados

No sentido de aumentar a validade do estudo foram utilizados os seguintes instrumentos: roteiro questionário sociodemográfico e roteiro da entrevista.

3.9.3 Estudo piloto

Para atingir o objetivo do estudo, foi realizado um teste piloto, com uma entrevista com um (1) pai/ mãe/ ou responsável, um coordenador e uma pessoa com deficiência como piloto (que não estará incluído entre os participantes) como forma de conseguir maior confiabilidade do conteúdo das questões.

3.9.4 Checagem por membros

Após a transcrição das entrevistas, realizou-se o *member checking*. Foi apresentado essa transcrição ao participante entrevistado para ver se estava de acordo com o que foi transcrito e falado, e posteriormente realizado a validação dos dados por meio de checagem pelo participante. (BRANTLINGLER et al., 2005)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa, os quais estão estruturados em três seções de análise. A primeira seção é a caracterização dos participantes. Na sequência, a apresentação, e descrição dos 10 casos completos, seguidos por uma seção de apresentação e discussão da análise temática.

4.1 Caracterização dos participantes

A pesquisa contemplou um total de 49 participantes, sendo 19 coordenadores, 10 pessoas com deficiência que participam de grupos de dança alemã, 10 familiares e 10 colegas. Todos os entrevistados referem vínculo direta e/ou indiretamente com a dança folclórica alemã por um período mínimo de seis meses conforme o critério de seleção dos participantes.

No quadro 4 podemos identificar a caracterização dos coordenadores que somaram o maior número de participantes.

Quadro 4 - Caracterização dos participantes coordenadores

	Localização	Formação	Tempo de atuação como coordenador(a)	Tipo de deficiência que trabalhou
C1	Paraná	Ensino Médio	28 anos	Autismo
C2	Rio de Janeiro	Ensino Superior	20 anos	Deficiência intelectual e Síndrome de Down
C3	Rio Grande do Sul	Ensino Médio	07 anos	Deficiência intelectual, TEA, física e síndrome de Down.
C4	Rio Grande do Sul	Ensino Superior	08 anos	Deficiência Intelectual
C5	Rio Grande do Sul	Pós Graduação	10 anos	Autismo e síndrome de Down
C6	Santa Catarina	Ensino Superior	05 anos	Deficiência visual, intelectual, TEA, auditiva e física.
C7	Rio de Janeiro	Ensino Médio	06 anos	Síndrome de Down
C8	Paraná	Ensino Médio	25 anos	Síndrome de Down
C9	Rio Grande do Sul	Ensino Superior	05 anos	Deficiência auditiva
C10	Rio Grande do Sul	Ensino Médio	25 anos	Autismo, Síndrome de Down e deficiência auditiva
C11	Paraná	Ensino Superior	04 anos	Deficiência Física
C12	Santa Catarina	Ensino Superior	04 anos	Deficiência Intelectual
C13	Santa Catarina	Ensino Superior	20 anos	Deficiência, intelectual e física.
C14	Rio Grande do Sul	Pós Graduação	17 anos	Deficiência, intelectual e física.
C15	Rio Grande do Sul	Ensino Superior	08 anos	Síndrome de Down
C16	Santa Catarina	Ensino Médio	11 anos	Síndrome de Down
C17	Rio Grande do Sul	Ensino Superior	02 anos	Síndrome de Down e Autismo
C18	Paraná	Pós Graduação	09 anos	Autismo
C19	Rio Grande do Sul	Pós graduação	07 anos	Síndrome de Down

Fonte: Elaborado pela própria autora com base nos resultados obtidos pela pesquisa. (2022)

Com exceção os participantes C2 e C7, todos os outros residem e atuam na região sul do país, sendo quatro do Paraná, quatro de Santa Catarina e nove do Rio Grande do Sul. Quanto à formação dos coordenadores, cinco possuem o Ensino Médio como grau máximo de formação, mais da metade (n= 10) possuem formação superior completa, e apenas quatro possuem pós-graduação. No estado do Paraná a maioria dos coordenadores possuem Ensino Médio. Já no estado de Santa Catarina, todos os coordenadores participantes da pesquisa possuem Ensino Superior completo.

Em relação ao tempo de atuação, 12 dos participantes atuam a menos de 10 anos como coordenadores de grupo de dança alemã, apenas dois participantes, identificados como C14 e C16 possuem entre 11 e 19 anos de atuação, e outros cinco desempenham esse papel há mais de 20 anos.

No quadro 4, o qual trata dos tipos de deficiência com que o coordenador teve contato dentro dos grupos de dança alemã, é possível perceber que aparecem os mais diversos tipos de deficiência. Dez coordenadores citaram apenas um tipo de deficiência com a qual tiveram contato, e entre os demais (nove dos participantes) tiveram contato com mais de um tipo de deficiência, podendo ser ao mesmo tempo, ou ao longo do tempo de experiência.

Também foi citado por quatro coordenadores, que são professores que em algum momento atuaram em APAE e proporcionaram aos alunos a experiência da DFA para os alunos como forma de uma atividade extra, como no mês de agosto que se comemora o dia do folclore, por exemplo. Além de ter sido citado pelos participantes C10 e C13 que mantiveram a DFA por um maior período, como parte do conteúdo programado dos alunos, relatando que os alunos gostavam muito da prática.

O quadro 5 representa os participantes dançarinos com deficiência. Do total de 10, apenas um é do Rio de Janeiro, pertencente à região sudeste do Brasil. Os demais participantes (n=9) são provenientes da região Sul do país, sendo igualitária e casualmente procedentes do Paraná (n=3), Santa Catarina (n=3) e Rio Grande do Sul (n=3).

Quadro 5 – caracterização dos participantes pessoas com deficiência

	Localização	Tempo na dança	Tipo de deficiência	Idade
P1	Paraná	07 anos	TEA	10 anos
P2	Paraná	04 anos	Síndrome de Down	12 anos
P3	Santa Catarina	06 anos	Síndrome de Down	14 anos
P4	Rio Grande do Sul	10 anos	Deficiência intelectual	31 anos
P5	Rio Grande do Sul	03 anos	TEA	11 anos
P6	Santa Catarina	05 anos	Deficiência Física	30 anos
P7	Rio de Janeiro	15 anos	Síndrome de Down	36 anos
P8	Paraná	06 anos	Síndrome de Down	11 anos
P9	Rio Grande do Sul	07 anos	Deficiência auditiva	34 anos
P10	Rio Grande do Sul	01 ano	TEA	09 anos

Fonte: Elaborado pela própria autora com base nos resultados obtidos pela pesquisa. (2022)

Dos participantes pessoas com deficiência, apenas o P7 tem mais de 10 anos de experiência na DFA, e os outros nove menos de 10 anos. Desse total, temos destaque para participantes com síndrome de Down que totalizaram quatro. Na sequência, três entrevistados com Transtorno de Espectro Autista. Já o P4 foi o único entrevistado com Deficiência

Intelectual, P6 o único com Deficiência Física e o P9 também único com Deficiência Auditiva.

O participante P5 foi o participante mais jovem (09 anos de idade) a ser entrevistado. Do restante, cinco possuem entre 10 e 29 anos, e quatro possuem mais de 30 anos de idade.

Com relação aos familiares entrevistados, o quadro 6 mostra que 100% pertencem ao sexo feminino, sendo que desse total, nove são mães dos participantes dançarinos. F9 é esposa de P9.

Quadro 6 – Caracterização do participante familiar do dançarino com deficiência

	Tipo de deficiência	Localização	Grau de parentesco do entrevistado
F1	TEA	Paraná	Mãe
F2	Síndrome de Down	Paraná	Mãe
F3	Síndrome de Down	Santa Catarina	Mãe
F4	Deficiência intelectual	Rio Grande do Sul	Mãe
F5	TEA	Santa Catarina	Mãe
F6	Deficiência Física	Santa Catarina	Mãe
F7	Síndrome de Down	Rio de Janeiro	Mãe
F8	Síndrome de Down	Paraná	Mãe
F9	Deficiência auditiva	Rio Grande do Sul	Esposa
F10	TEA	Rio Grande do Sul	Mãe

Fonte: Elaborado pela própria autora com base nos resultados obtidos pela pesquisa. (2022)

O quadro 7 corresponde aos colegas integrantes do dançarino com deficiência, chamando a atenção para o I7 que é o integrante com maior tempo de experiência na DFA, e todos os outros possuem mais de 10 anos de tempo de participação em grupos de DFA.

Quadro 7 - Caracterização do participante integrante colega do dançarino com deficiência

	Localização	Localização	Tempo de participação no grupo
I1	Paraná	Paraná	2 anos
I2	Paraná	Paraná	4 anos
I3	Santa Catarina	Santa Catarina	4 anos
I4	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	7 anos
I5	Santa Catarina	Santa Catarina	1 ano
I6	Santa Catarina	Santa Catarina	3 anos
I7	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	15 anos
I8	Paraná	Paraná	6 anos
I9	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	8 anos
I10	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	5 anos

Fonte: Elaborado pela própria autora com base nos resultados obtidos pela pesquisa. (2022)

4.2 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS CASOS

Nesta seção serão relatados os 10 casos em dois blocos. O primeiro bloco contém a apresentação e descrição dos casos com base no questionário sociodemográfico e nas entrevistas.

4.2.1 Apresentação e descrição dos casos:

Caso 1

O C1, iniciou sua experiência na DFA no ano de 1987, quando viu um grupo se apresentando, segundo ele *“me apaixonei à primeira vista”*, e na sequência entrou em contato com o grupo pedindo informações de como poderia participar. Após isso, seguiu um tempo como dançarino, até que recebeu convite de par atuar como coordenador de DFA, somando aproximadamente 30 anos de experiência.

O P1, possui dez anos e transtorno de espectro autista. Teve seu primeiro contato com a DFA quando tinha quatro anos, em um sábado, estava com seus pais em um parque de lazer do município em que morava e viu um ensaio de um grupo de DFA ao ar livre. Desde o primeiro momento disse que também queria dançar e assim aconteceu. Após isso, seus pais procuraram informações de como poderia participar e na semana seguinte começou a frequentar as aulas. Somando seis anos de participação no grupo.

A F1, é mãe de um dançarino com transtorno de espectro autista, aqui na pesquisa denominado P1. O I1 é um colega do P1. Tem nove anos e participa da DFA desde seus sete anos. Teve seu primeiro contato com a DFA através de uma amiga que o convidou para participar do grupo, e desde que começou a participar teve contato com o P1.

Caso 2

O C2 começou a participar da DFA como dançarino em 2002 a convite de amigos, e seis anos depois assumiu como coordenador de grupos infantis, juvenis e adultos do município em que morava. Atualmente não exerce a função, mas atuou por um período de oito anos. O P2 tem 12 anos, e síndrome de Down. Participa do grupo de DFA desde seus quatro anos de idade. Iniciou sua participação a convite da escola. Mãe do P2 que tem síndrome de Down. Colega do P2, tem 14 anos e participa da DFA a quatro anos.

Caso 3

C3 já tem sete anos de experiência na DFA, teve seu primeiro contato através de um convite de amigos que já participavam, e após ir conhecer o grupo começou a participar como dançarino. Algum tempo depois, foi convidado para atuar como coordenador por conta da sua disponibilidade de tempo, e desde então está a frente do grupo. Conheceu o P3 logo no seu segundo ano de coordenador.

P3 tem síndrome de Down e 14 anos de idade e seis anos de experiência na DFA. F3 é a mãe deste participante e diz que o P3 adora participar, e que são poucas as vezes que demonstra um pouco de teimosia em não querer frequentar os ensaios, e quando isso acontece ela sempre insiste em leva-lo para participar, diz que chegando no local ele fica entusiasmado, e ressalta que na maioria das vezes está disposto a participar. Já o I3 tem quatro anos de experiência na DFA e é colega do P3 desde o início da sua trajetória. Inclusive relata que por várias vezes dança como par do P3, e não encontra muitas dificuldades na execução da coreografia.

Caso 4

Neste caso, o C4 tem oito anos de experiência como coordenador. Relata que o P4 foi um grande desafio em sua trajetória, pois ele apresenta algumas dificuldades na memorização e execução de alguns passos que correspondem a coreografia, e também que em alguns momentos os outros participantes demonstram dificuldade em formar par com o P4.

P4 tem deficiência intelectual e relata que participa do grupo de DFA a 10 anos e que é o único lazer que tem em seu dia a dia. Em vários momentos diz que está com saudades de dançar, pois devido a pandemia está afastado das atividades do grupo. F4 diz que P4 já é adulto, tem 31 anos e que tem a liberdade de ir e vir sozinho aos ensaios de DFA, e que praela só isso já a deixa feliz, pelo fato de ele ter essa liberdade e um compromisso que ele tanto gosta.

O colega, identificado como I4 tem sete anos de participação e contato com o P4. Segundo ele, as dificuldades enfrentadas se dizem respeito que em alguns momentos específicos o P4 se demonstra irritado e *“quer tudo do seu jeito, muitas vezes não compreendendo que não pode participar de todas as danças, assim como todos os outros dançarinos.”*

Caso 5

C5 atua como coordenador a 10 anos, já teve experiência com dançarinos com síndrome de Down e com Transtorno do Espectro Autista. Nesse caso, se remete exclusivamente ao participante com TEA. Segundo C5, conheceu o P5 desde o seu primeiro contato com a DFA, e que desde então acompanhou todo o seu processo e progresso na DFA. Dizendo que desde o início apresenta poucas dificuldades de relacionamentos com seus colegas, mas que em vários momentos exige um momento para si, e que pede para ficar sozinho, ou apenas sai da roda de dança e após um tempo volta a dançar como se nada tivesse acontecido.

P5 tem 11 anos, e participa do grupo a três anos. Na sua entrevista as respostas foram curtas, mas ficou evidente o quanto gosta da dança. F5 é sua mãe, que relata também já ter sido dançarina, junto do pai de P5. Fato esse que facilitou e que levou a família a insistir e incentivar a prática da DFA em seu cotidiano. I5 é colega a apenas um ano de P5, diz que não percebe muitas dificuldades encontradas, e que tem um bom convívio durante as aulas e apresentações da DFA.

Caso 6

C6 atua na como coordenador de DFA cinco anos, e já teve contato com diversos tipos de deficiência pois já atuou como professor na APAE e levou a DFA como uma possibilidade de ensino para os seus alunos. Mas neste caso apresentado, se diz respeito ao seu aluno P6 que tem deficiência física e já participa da DFA a cinco anos. Quando P6 conheceu o grupo e começou a participar das atividades ainda não tinha DF. Apenas após alguns anos que em decorrência de um acidente, resultou com paralisia dos membros inferiores, necessitando do uso de cadeiras de rodas. Segundo C6 e I6, o grupo acompanhou todo o processo de recuperação, e incentivou o retorno do P6 para o grupo. No início ele se demonstrou resistente, mas após um tempo, voltou a frequentar os ensaios.

Para que houvesse êxito em sua participação, C6 relata que é preciso adaptar a coreografia para que P6 possa participar, e que na maioria das vezes C6 acaba sendo o par, por conta da facilidade em lidar com a cadeira de rodas. F6 diz que tem muito a agradecer o grupo pois estiveram com ele sempre incentivando e o animando, e que sente muito orgulho. Já I6 que participa do grupo a três anos também acompanhou o caso, e diz que ver a superação de P6 é motivo de satisfação e orgulho para todo o grupo, mesmo que ele não participa de todas as danças.

Caso 7

Neste caso, C7 atua como coordenador a seis anos em sua cidade, conheceu a DFA por meio de uma apresentação em uma festa que participou. No que se diz respeito a pessoas com deficiência, teve contato apenas com um aluno com síndrome de Down em sua trajetória, que faz parte da pesquisa identificado como P7. Segundo ele, não apresenta grandes dificuldades, visto que quando o conheceu P7 já tinha uma trajetória na DFA.

P7 tem 36 anos de idade, e 15 anos na DFA. Segundo ele, já participa de grupos de dança a muito tempo e não lembra como conheceu a DFA. O que mais gosta, em seu relato é participar das viagens e dançar. Sua mãe, identificada como F7 relatou que a dança é a vida dele, que ele vive para a DFA. Tem costume de gravar os ensaios e ficar assistindo várias vezes em seu tempo livre. I7, participa do grupo a 15 anos, e diz que P7 é um grande dançarino “*é literalmente um pé de valsa*”. I7 diz que a DFA é uma oportunidade de ele estar inserido na sociedade, e ter um grupo no qual ele também faz parte.

Caso 8

C8 tem 25 anos de experiência como coordenador de DFA. Durante toda sua trajetória teve apenas contato com a deficiência síndrome de Down entre seus alunos. Foram diversos casos, e segundo ele, cada um apresentava características diferentes. Mas o que se refere ao P8, ele o acompanha desde o início da sua trajetória na DFA, e relata que não tem dificuldades em relação ao convívio com os colegas. Mas quando se trata de aprendizagem da coreografia, P8 não consegue realizar alguns passos no tempo exato da música.

P8 tem 11 anos de idade, e participa do mesmo grupo de DFA desde seus cinco anos. De acordo com F9, sua mãe, ela conhecia as atividades do grupo na cidade, e assim que P8 completou a idade exigida para participar, ela o matriculou no grupo, e desde então a DFA faz parte da rotina familiar.

I8 tem a mesma idade de P8, e o conheceu no grupo de DFA. Disse que ele percebe que a DFA acaba sendo um local que P8 está incluso nas atividades de forma “normal”, e que não percebe diferença nele em relação aos outros colegas. Ressalta que são amigos, e que ele sempre ajuda P8 quando é solicitado.

Caso 9

O C9 atua como coordenador a 5 anos, no estado do Rio Grande do Sul, até o momento da entrevista o P9 era o único caso de deficiência que tinha tido contato na DFA.

Mas que segundo ele, um fato que facilitou a experiência foi que anterior a exercer a função de coordenador, já conhecia o P9 e sabia das suas limitações e facilidades.

P9 participa de grupos de DFA a sete anos, buscou essa atividade pois anterior a isso já havia participado de outros grupos de dança que não era alemã, mas não se adaptou e encontrou nos colegas da DFA a recepção amorosa e cuidadosa que precisava. Relatando que sempre gostou de dançar, e que aprende a coreografia olhando o coordenador e colegas demonstrarem.

F9 é a sua esposa que também participa do grupo de dança, iniciou inclusive a convite do P9 e que hoje os dois formam um par na dança. I9, tem oito anos no grupo de dança, começou a participar nesse mesmo grupo um ano antes, então acompanhou todo o processo de adaptação do P9 e diz que se surpreende a cada ensaio com a facilidade que P9 tem em aprender as coreografias.

Caso 10

C10 é coordenador a 25 anos, e já trabalhou com Transtorno do Espectro Autista, síndrome de Down e Deficiência Auditiva. Em vários momentos da entrevista cita que todas as dificuldades que teve ao longo de sua trajetória poderiam ter sido menos complexas se ele tivesse tido acesso a algum tipo de formação na área, visto que ele tem apenas o Ensino Médio e cursos de capacitação oferecidos pela ACG. Segundo ele, o caso do P10 é um dos mais tranquilos que ele já acompanhou, apesar de ele estar no grupo a pouco tempo já participou de viagens e apresentações, devido seu destaque no comprometimento com a dança.

P10 tem nove anos, e participa a apenas um ano da DFA, considerando o período antes da pandemia. Pois até o momento da entrevista, as atividades do seu grupo ainda não haviam retornado para o presencial, e ele não estava conseguindo acompanhar os colegas nas atividades remotas segundo sua mãe, identificada como F10. Em diversos momentos da entrevista, P10 perguntava a mãe que estava ao lado quando ele iria para a dança. Segundo ele a DFA “*é muito divertida e tem vários amigos*”. Por sua vez, sua mãe, identificada como F10 é professora de anos iniciais e disse que desde cedo incentiva P10 a participar de atividades extra curriculares, mas que de todas que ele já participou a DFA foi a que ela mais percebeu o entusiasmo dele em participar. Já I10 participa do grupo há cinco anos, e acompanhou todo o processo de adaptação de P10. Segundo ele, já teve outros colegas com deficiência, e que P10

chama a atenção por ser muito amoroso, sempre quer abraçar seus colegas e vê a dança como um lugar que ele está incluído.

Nos participantes dançarinos com deficiência houve uma dificuldade em ouvi-los, ambos se expressam de maneira sucinta, apenas respondendo “sim” ou não”. Mas mesmo assim, foi possível perceber como eles gostam e estão envolvidos com a DFA, estavam animados e dispostos a participar da pesquisa, embora na maioria das vezes as mães estavam ao lado durante a entrevista. Um fato que chamou muito a atenção foi o P2 inclusive vestiu o traje para o momento da entrevista, repetindo em vários momentos “*estou feliz*” e perguntando “*estou bonita?*”.

Em outros momentos durante as entrevistas percebeu-se uma grande emoção envolvida, principalmente quando os familiares relatavam a experiência da prática da DFA navida das pessoas com deficiência.

É possível compreender analisando os casos que de maneira unânime os coordenadores citaram que lidam com PCD da mesma forma do que com os demais integrantes na medida do possível e eles aprendem. C4 citou:

“Não existe uma dança folclórica alemã para pessoa com deficiência, a dança é a mesma, o que acontece é que ele não participa de todas as danças, porque ele mesmo diz que não gosta de não conseguir seguir o ritmo do grupo. (C4)

O relato de C4 afirma que o P4 tem uma compreensão sobre sua realidade e que compreende que em alguns momentos precisa ficar de fora por conta da sua limitação de movimento. Mas nem todos os dançarinos compreendem com tal tranquilidade.

O impacto social ficou evidente no caso do P9, na demonstração de gratidão ao grupo de DFA pelo fato do grupo ajudar com a sua deficiência. Segundo seu relato, todo o grupo se mobilizou através de uma ação social para ajudá-lo a adquirir um aparelho auditivo que auxiliaria no convívio com sua deficiência auditiva.

“Pra mim, participar da dança alemã é muito mais do que apenas frequentar os ensaios. Considero como se fosse minha segunda família, é uma das minhas prioridades. Me ajudaram no momento que mais precisei e me dedico ao máximo para corresponder às expectativas do grupo. Priorizo muito a qualidade da dança”. (P9)

4.3 ANÁLISE TEMÁTICA

Nesta etapa, foram identificados e analisados os temas propostos pelos objetivos específicos da pesquisa, subdivididos em três seções: a primeira abrange o significado da DFA para as PCD; a segunda aborda as impressões dos colegas e familiares; a terceira indica as possibilidades e limites do ensino da DFA sob a ótica dos coordenadores.

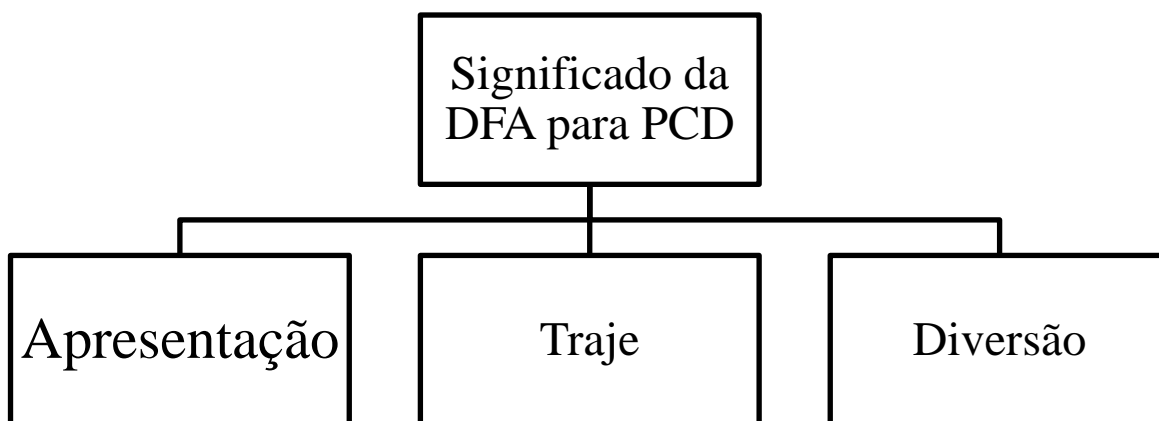
4.3.1 Significado da DFA para as pessoas com deficiência.

Foram entrevistados 10 dançarinos com deficiência, dentre os participantes, tivemos a presença de cinco tipos de deficiência: Transtorno do Espectro Autista (n= 3), síndrome de Down (n=4), Deficiência Intelectual (n=1), Deficiência Física (n=1) e Deficiência Auditiva (n=1). Todos os participantes possuíam no mínimo de um ano de participação em grupo de DFA. A faixa etária dos participantes variou entre nove e 36 anos de idade.

Algo em comum entre as entrevistas, é que apenas o participante P4 realizou a entrevista de forma independente, sem acompanhante ao lado no momento da entrevista, todos os outros foram acompanhados por algum familiar. O tempo de duração das entrevistas com os participantes dançarinos foi mais curto em relação ao tempo de entrevista com os familiares, colegas e coordenadores, totalizando em uma média de 15 minutos de conversa. Na maioria das vezes, com respostas curtas e diretas como: “sim”, “não”, “gosto”, “não sei”, “às vezes”.

O mapa temático construído pela autora representado na figura 4, revela quatro termos que foram mais frequentes durante as respostas dos participantes dançarinos com deficiência. Observa-se que dentre os termos comentados durante as entrevistas, os mais frequentes foram: diversão, amizade, apresentação e trajés.

Figura 4 – Mapa temático do significado da DFA para PCD



Fonte: elaborado pela autora. (2022)

Com o agrupamento das respostas foi possível confirmar que para as PCD, a DFA tem diversos e diferentes significados. A totalidade (n=10) dos participantes referem que gostam de dançar. Mas em sua maioria se remetem ao desenvolvimento no aspecto social dos participantes. Principalmente no que diz respeito as apresentações, percebeu-se que é o grande objetivo, visto que é o momento de mostrar o produto final, resultante da dedicação dos ensaios.

a) Apresentação

Outro fato que chamou a atenção foi a empolgação ao falar a respeito das apresentações, percebeu-se que é o grande estímulo para adesão dos dançarinos.

Também se observou que três participantes com deficiência citaram nomes de danças durante a entrevista, como o caso do P2.

Entrevistadora: “*Você gosta da DFA?*” P2: “*Sim*”.

Entrevistadora: “*O que você mais gosta na DFA?*” P2: “*Dançar*”.

Entrevistadora: “*Algo mais?*” P2: “*Hummm... Aramsamsam*”.

Nesse relato do P2, *Aramsamsam* é o nome de uma dança tradicionalmente conhecida no folclore alemão.

Percebe-se o envolvimento e motivação dos participantes com deficiência com os relatos dos participantes 7, e 10.

“Minha parte preferida é apresentar. Fico triste quando fico fora de alguma dança em alguma apresentação, quero dançar todas.” (P7)

“Às vezes sinto frio na barriga, mas logo passa. Adoro apresentar” (P10)

Com os relatos, ficou evidente que os participantes gostam de ser prestigiados, tanto pelos familiares, como pelo público em geral.

Segundo Bröcker (1996) existem três formas possíveis de apresentar a dança alemã, seja através performance diante de um público passivo (apresentações), em um grupo fechado que dança simplesmente para seu próprio prazer (nesse caso, os participantes da pesquisa se referem como ensaio, os encontros semanais), ou por meio de noites de dança ao ar livre, onde os presentes são convidados a participar da dança (chamada pelos participantes de dança de integração).

b) Diversão (apenas 1 citação)

Essa oportunidade que a DFA proporciona, seja em sua localidade ou cidades vizinhas, proporciona momentos de diversão, gerando uma situação em que oportuniza uma experiência ainda mais completa, conforme menciona P3: *“É muito divertido, tenho amigos e fazemos festa até no ônibus”* (P3)

c) Traje (apenas 1 citação)

Para alguns participantes, a DFA perpassa o momento da coreografia, da prática da dança e se insere em um contexto de imaginação, como representação de um personagem ao vestir o traje para as apresentações, como o caso do P1: *“Ah, eu adoro a dança (...) sim. gosto muito de vestir o traje (...) da Frida.”*

Na DFA se refere como *“frida”* a menina, assim como se refere ao menino como *“fritz”*. Percebe-se no relato de P1 como essa nomenclatura está construída no imaginário da PCD como uma associação de um personagem, e quando ela se veste com o traje se sente pertencente aquele meio.

Assim como nesse relato: *“Meu traje é lindo, me sinto mais bonito quando uso ele.”* (P6)

E também quando P9 diz “*No começo achava engraçado, agora acostumei, quando estou de traje as pessoas pedem para tirar foto comigo, me sinto como se fosse famoso*” (P9)

O objetivo de usar traje para as apresentações é de representar algo através dele, mas percebe-se que as PCDs associam o traje como um símbolo da DFA.

4.3.2 Impressões de familiares e integrantes do grupo em relação à participação da pessoa com deficiência.

Nesta segunda seção, teremos a apresentação e análise das falas e das impressões de familiares e integrantes do grupo em relação à participação da PCD.

A partir do momento que a pessoa decide fazer parte de um grupo folclórico, consequentemente ela assume um compromisso em estar toda semana nos ensaios para que seja possível acompanhar com êxito as atividades do grupo, aprender as coreografias, e poder realizar apresentações com o grupo.

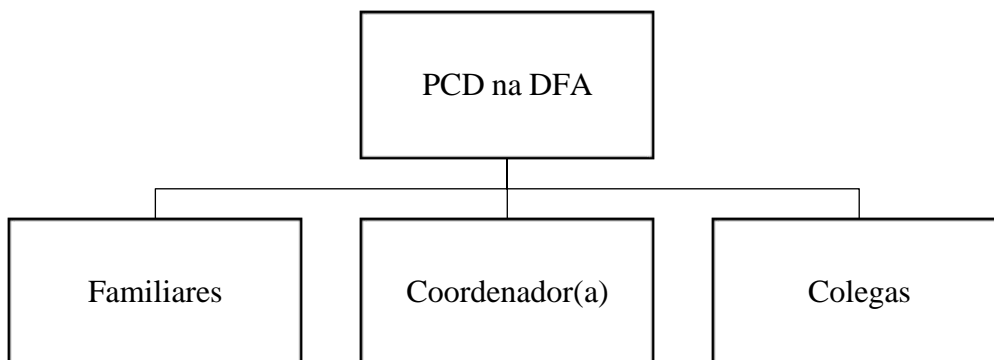
A DFA é para todos, e não é caracterizada como um estilo de dança que tem como finalidade a competição entre os grupos. A DFA proporciona momentos de integração entre os grupos de localidades próximas e distantes por meio de encontros festivos folclóricos e até mesmo na conhecida Oktoberfest. Uma festa tradicionalmente alemã, e que no Brasil é mantida em muitos lugares justamente por participantes de grupos de DFA.

O movimento da dança é importante para todos. As PCD representam uma porcentagem dos participantes, assim como as pessoas sem deficiência.

Dessa forma, observou-se por meio da fala dos entrevistados que a PCD que participa dessa atividade, depende uma rede de apoio que oportunize o acesso as atividades, sendo formada por: colegas, coordenador e sua família. Formando uma equipe que tem um objetivo em comum: manter viva a cultura alemã por meio da dança.

A figura 5 demonstra em forma de diagrama como funciona essa organização. A PCD para estar inserida nas atividades do grupo depende de um familiar para levar, buscar e acompanhar, do coordenador disposto a desenvolver as melhores condições de ensino aprendizagem da DFA, e também dos colegas do grupo oportunizando um bom convívio e participação, considerando que a DFA é caracterizada por ser dançada em pares e em grupo.

Figura 5- Envolvidos na participação da PCD na DFA

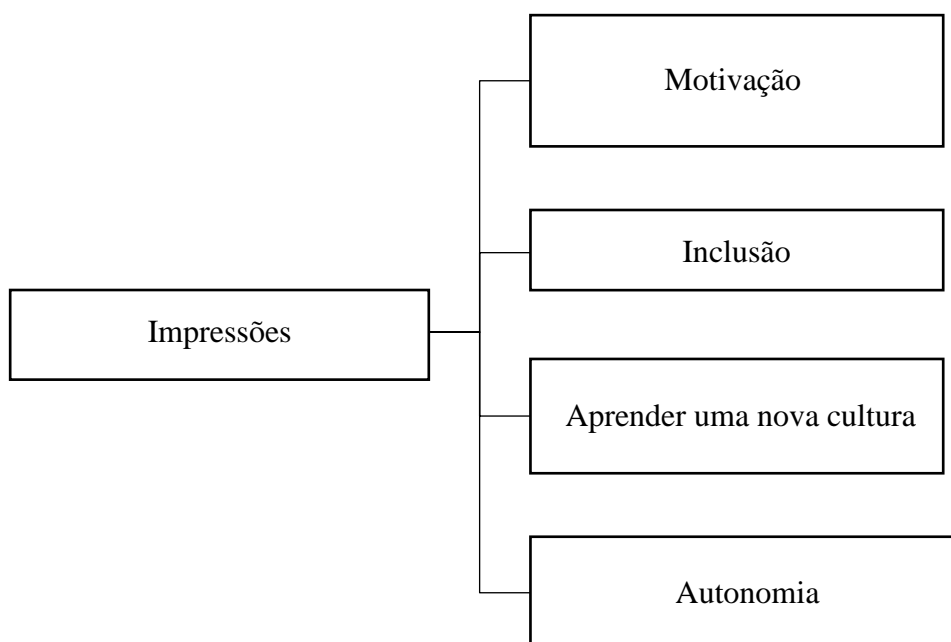


Fonte: Elaborado pela autora. (2022)

Tendo o acesso garantido para a PCD, como é o caso dos participantes da pesquisa, foram entrevistados 10 familiares (nove mães e uma esposa) e dez colegas dos respectivos participantes com deficiência. As entrevistas tiveram duração de cerca de 25 minutos.

Para a apresentação dos resultados, foi realizado um mapa temático contendo as impressões dos familiares e colegas que foram mais recorrentes durante as entrevistas, conforme pode ser observado na figura 6.

Figura 6 – Mapa temático Impressões dos familiares e colegas



Fonte: elaborado pela autora com base na coleta de dados realizada. (2022)

O mapa temático traz quatro temas que foram mais frequentes durante as respostas dos participantes colegas e familiares das PCDs. Observa-se que dentre os temas comentados durante as entrevistas os termos mais frequentes foram: motivação, inclusão, aspectos culturais e autonomia.

a) Motivação

A motivação foi muito citada principalmente por familiares, dizendo que a DFA ocupa um espaço especial na rotina da PCD. Todos os participantes possuem aulas de DFA uma vez por semana, e segundo seus familiares, esse dia é muito esperado por eles, como exemplificado na fala de F6.

“O P6 participa da DFA sempre na sexta-feira após a sua aula na escola, no final da tarde. E todos os dias, quando busco na escola ele pede: hoje é dia de DFA? E acaba se frustrando quando digo que não, e que precisamos esperar até sexta-feira.” (F6)

Quando a motivação não aparece de forma antecipada, é comum que se manifeste ao chegar no local do ensaio, cita I10.

“Às vezes percebo que o P10 chega ao ensaio um pouco bravo, de mal humor e demora um pouco até ele se socializar. Mas basta o coordenador iniciar o ensaio,

geralmente nesse dia ele coloca a dança preferida dele, e ele se motiva e anima muito rapidamente, se transformando em outra pessoa”. (I10)

Importante destacar a função essencial das apresentações públicas que repercutem a natureza de um sujeito estar no mundo com outros e de ser percebido como centro de atenção daqueles que não vivenciaram suas experiências durante as aulas de dança. (PASSOS; TEIXEIRA, 2021)

b) Inclusão

Para que a inclusão aconteça, é preciso que haja oportunidade da participação desses alunos com deficiência. O desenvolvimento de um senso de pertencimento a um grupo também se relaciona. Todos os alunos, com deficiência e sem deficiência, são aceitos, apoiados, com responsabilidades e o desenvolvimento de funções no grupo. (RODRIGUES, 2006; ALVES, FIORINI, 2018)

A inclusão fez presente na maioria das entrevistas dos colegas e familiares no sentido dos dançarinos e envolvidos se sentirem pertencentes a comunidade que é a DFA. Seja de forma direta citando a palavra inclusão como o relato do F9, como também de forma indireta, quando em momentos foi citado que a DFA se torna um espaço para todos, indiferente da sua condição, como exemplo nos relatos de F4 e I7.

“Nós somos casados há cinco anos. Em nosso casamento o grupo de DFA participou, fizeram uma dança para os convidados junto conosco. Eu vejo como um espaço de inclusão. Nós que vivemos isso “na pele” podemos afirmar que é um dos únicos, se não o único local que sinto que P9 é considerado normal, sua deficiência não o impede de participar.” (F9)

Quando F9 menciona que a DFA é um local onde P9 se sente incluído, percebe-se a importância do envolvimento de todos os participantes, considerando que para que essa inclusão realmente aconteça precisa de pessoas dispostas a proporcionar esses momentos.

“Já matriculei meu filho em diversas atividades e todas ele acaba desistindo, eu acredito que é por não se sentir pertencente a aquele espaço. Já na DFA é totalmente diferente, o coordenador e colegas proporcionam um verdadeiro espaço de inclusão.” (F4)

“Eu enquanto participante vejo que a DFA é um espaço inclusivo. Todos, assim como o P7, chegam até o grupo e tem a oportunidade de dançar e não apenas ficar assistindo. É realizado pequenas adaptações quando necessário. Isso motiva”. (I7)

A sensação de não se sentir pertencente ditas por F4 e as pequenas adaptações mencionadas por I7 aproxima a prática da DFA para a realidade da PCD. Sua participação socialmente dentro do seu grupo permite que o aluno com deficiência estruture o sentimento

de pertencimento, essencial para se sentir incluído. Ainda, denota-se que o aluno se sente incluído quando perpassa por três momentos: adaptação, participação social e demonstração de capacidade. (ALVES; DUARTE, 2014)

c) Aspectos culturais

A prática da DFA para as PCDs foi mencionada como uma forma de conhecer cultura diferente da brasileira. Considerando que nos ensaios, segundo os relatos de I6, F8 e F10 não é realizado apenas aulas de dança.

“Além da dança aprendemos a cantar em alemão, e percebo que o P6 aprende muito mais rápido do que eu, por exemplo. Quando nosso professor faz perguntas sobre a cultura alemã, ele (P6) é sempre o primeiro a responder.” (I6)

Nesse sentido, Wedekind (1993) aponta em seu estudo que a maioria das DFA infantis são executadas em círculo e podem acomodar qualquer número de participantes. E como a melodia é cantada pelas próprias crianças, elas aprendem a língua estrangeira imediatamente.

“O P8 chega eufórico após o ensaio. Sempre tem algo para nos contar que aprendeu na aula de DFA. Semana passada por exemplo, ele queria de todo jeito que sua avó preparasse um prato típico alemão que conheceu no grupo de dança.” (F8)

No relato de F8 evidencia-se

“Eu incentivo e gosto muito que o P10 participa do grupo de DFA. Porque é não é só dança. Eles aprendem muito sobre a cultura alemã. Somos de descendência alemã, é muito gratificante.” (F10)

d) Autonomia

Com esses relatos é possível perceber que a DFA, a partir da perspectiva dos colegas e familiares é um espaço que proporciona autonomia e participação das PCD.

“Eu vejo que o ele tem autonomia no grupo de dança, percebi isso quando pela primeira vez ele saiu sem nós (pais) e ficou um domingo todo em outra cidade participando de um evento junto com o grupo.” (F3)

F3 relata sobre P3, uma jovem de 14 anos com síndrome de Down. Essa surpresa demonstra o quanto P3 é dependente de seus pais para atividades do cotidiano. O fato de ela poder participar sem a presença deles, torna a DFA um local ainda mais prazeroso para

ambos, pois P3 tem seu momento, seus compromissos e os cumpre e os pais podem usufruir desse momento com tranquilidade por confiarem no grupo de DFA.

Esse fato também ocorre na fala de F8 que discorre sobre um jovem de 11 anos com síndrome de Down.

“Na DFA é o único lugar que ele fica só. Pois na escola ele tem PAEE e em todas as outras atividades eu preciso acompanhá-lo. Eu sempre levo e fico lá fora esperando. Essa uma hora por semana que é o tempo da dança alemã é um espaço dele, vejo como precisa disso.” (F8)

Por meio do relato da mãe de P8 observa-se que ela identifica que na DFA seu filho tem um momento que é só dele. Quando ela cita que ele “fica só” entende-se sem a companhia dela ou de algum profissional exclusivamente junto dele, considerando que no grupo tem muitos participantes e um coordenador que está no comando.

Nesse propósito, de preparar o indivíduo com deficiência para sua inserção efetiva na vida social, a dança enquadra-se como um excelente instrumento. (PAIVA et al., 2021; WEAVER; CANNING, 2007; SANTOS; ROBLE, 2018; CERRONI e SANTIAGO 2009; CONE, 2015).

A dança apresenta-se como uma das atividades completas por concorrer de forma acentuada para o desenvolvimento integral do ser humano. A dança, como atividade física, estimula a flexibilidade, controle motor, coordenação, ritmo alinhamento postural e proporciona assim, momentos de autoconhecimento e socialização. (MONTEZUMA, et, al. 2011, p. 330)

Essa categoria da participação dos familiares e dos integrantes colegas dos dançarinos com deficiência foi fundamental para que pudéssemos compreender que a DFA desempenha uma transformação pessoal e social muito importante no que tange a oportunidade para as pessoas com e sem deficiência

A partir do momento em que as pessoas que dançam, ou que apreciam a performance de outrem, dão significado a essa experiência, elas tornam-se propensas a algum tipo de transformação, individual ou coletiva. O fato de ter pessoas que visualizam o desempenho de PCD, resultam em experiências que podem suscitar reflexões referentes principalmente à aceitação de diferentes corpos e expressões corporais, sem desqualificar ou menosprezar qualquer forma de diversidade, seja ela física/motora, intelectual, sensorial, auditiva, entre outras. (SANTOS; GUTIERREZ; ROBLE, 2018).

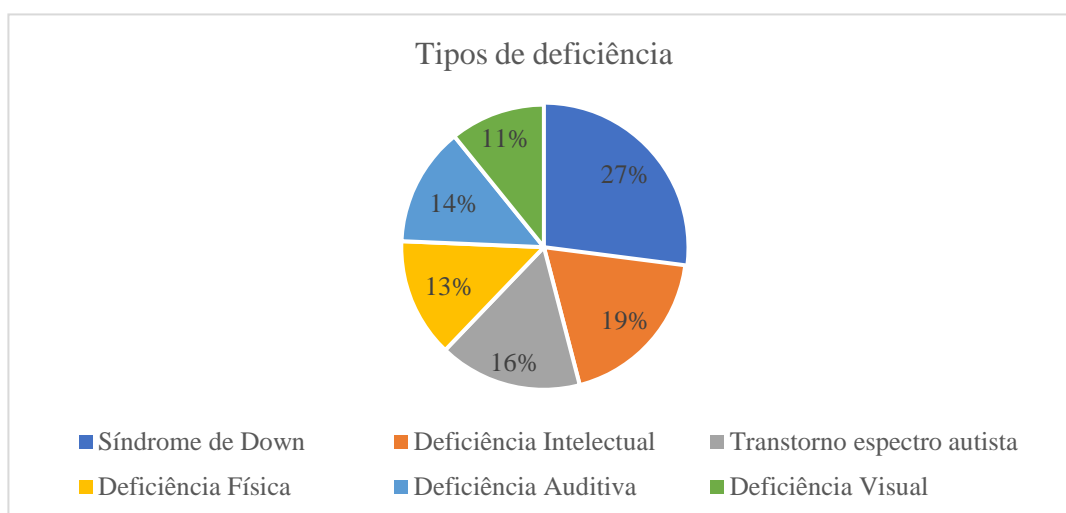
Na sequência, o item 4.3.3 será abordado a perspectiva dos coordenadores das possibilidades e limites de ensino da DFA.

4.3.3 – Limites e possibilidades do ensino da DFA sob a ótica dos coordenadores.

Foram entrevistados 19 coordenadores. De acordo com as respostas do questionário sociodemográfico percebeu-se que a maioria dos coordenadores tiveram contato com mais de um tipo de deficiência ao longo de sua trajetória. Observando que, quatro coordenadores atuaram com a DFA em Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), dessa forma ampliando ainda mais a experiência com o público alvo da pesquisa.

No gráfico 1, visualiza-se os tipos de deficiência que os coordenadores tiveram contato. Destaca-se a prevalência de síndrome de Down (n=27%), seguida por Deficiência Intelectual (n=19%). E para os outros tipos de deficiência encontra-se porcentagens menores: Transtorno Espectro Autista (n=16%), Deficiência Auditiva (n=14%), Deficiência Física (n=13%) e Deficiência Visual (n=11%).

Gráfico 1 – Tipos de deficiência que os coordenadores tiveram contato em grupos de DFA.



Fonte: elaborado pela autora. (2022)

O fato de três participantes coordenadores (C4, C5 e C10) serem professores da rede pública municipal e atuarem em APAE chamou a atenção. Os três citaram durante a entrevista que por iniciativa própria levaram a DFA como uma possibilidade de ensino para a APAE, como uma forma de sair da rotina.

“Eu percebia que os alunos da APAE estavam desanimados, cansados da rotina. Até que um dia, quando retornei de um curso da ACG resolvi mostrar um vídeo de uma DFA na qual eu estava apresentando lá em Gramado e eles acharam o máximo, inclusive ficaram agitados querendo dançar e vestir o traje também. Não pensei duas vezes, aproveitem o áudio do vídeo e começamos dançar imediatamente.” (C4)

Depois dessa experiência, o C4 relatou que semanalmente realizava atividades de DFA com os alunos, repercutindo até em apresentações fora do ambiente da APAE.

Segundo o C5, as músicas da DFA são animadas, fazendo com que as PCD não consigam ficar paradas, por isso acrescentou o ensino da dança em suas aulas. Citou: *“Trabalho mais na brincadeira, no se divertir dançando, cada um fazendo do seu jeitinho eno que consegue fazer para realizar a dança e sempre foi sucesso”* (C5).

Quando questionado o que motivou o C10 a realizar a DFA com os alunos da APAE, ele citou que precisava realizar uma apresentação para o mês de agosto que considerado o mês do folclore, e como já tinha a experiência da DFA trouxe a proposta e os alunos prontamente aceitaram.

“No início achei que não daria certo, pois na época eu ainda estava começando a trabalhar e não tinha experiência, mas escolhi danças infantis que imitavam movimentos de animais e que não precisavam ser dançadas em par, já no primeiro ensaio percebi que eles adoraram.” (C10)

Mas, esses três casos mencionados não tiveram suas experiências da DFA com PCD limitadas as atividades na APAE, todos tiveram integrantes com deficiência em seus grupos de DFA na qual coordenam.

Nesse sentido, foi observado por Alcaras (2022), enquanto bailarina que teve a oportunidade de trabalhar em uma instituição que atende pessoas com deficiência intelectual (APAE), pôde perceber, através de projetos de dança onde essas pessoas foram protagonistas, o quão parte dessa sociedade elas se sentiram e o quanto a sociedade abraçou essas pessoas.

Ao longo das entrevistas foram citadas estratégias de ensino pontuais. Algumas se repetiram, como por exemplo, do coordenador dançar como par junto da PCD, conforme relatam C12 e C13.

“É ali é o momento é uma aula, ele não tem nenhuma limitação de movimento por exemplo ele consegue acompanhar a dança. Para ele se adaptar a uma dança nova eu danço com ele e aí eu vejo que ele se sente bem também. Eu tenho esse cuidado com ele porque ele é muito crítico ele precisa entender a coreografia, e se ele vai dançar com uma pessoa que ele não consegue ele vai se frustrar.” (C12)

“(…) algumas vezes é preciso dançar com ele, né, pegar ele pela mão, fazer, fazer, fazer, repetindo, fazer em separado, não deixar ele no foco das atenções, tirar ele do foco da atenção dos outros integrantes, as pessoas não precisam ficar olhando pra ele e errar, né? Isso a gente faz a gente coloca todo mundo junto cada um faz o seu aí sem ficar prestando atenção nele porque aí facilita porque se não gera um bloqueio normalmente é assim mesmo eles tão no mundinho deles lá e tá tudo bem né?” (C13)

No que tange a metodologia de ensino, alguns entrevistados citaram que o ensino para a PCD é semelhante quando se trata de pessoa sem deficiência. Considerando que no caso da

DFA, é uma prática realizada em grupo e na maioria das vezes dançada em par, fato que influencia de forma espontânea os colegas que acabam auxiliando nesse processo de aprendizagem das coreografias, as vezes até sem perceber.

Outra estratégia citada foi e conversar com familiares para e diretamente com a PCD para saber como ensinar. Como relata o C9.

“Sempre que eu recebo um aluno com deficiência reservo um tempo com a mãe, ou familiares para saber como lidar melhor. Geralmente a mãe já sabe como agir e até adianta algumas possíveis situações que podem acontecer.” (C9)

Fato que corrobora com a aprendizagem, são os movimentos repetidos conforme o tempo musical. A DFA tem como característica realizar uma sequência e repeti-la por duas ou mais vezes na sequência. Fato esse que segundo os coordenadores, auxilia na memorização dos passos.

De certa forma, esses movimentos tornam-se “automáticos”, ou seja, tão logo os tenhamos aprendido, não precisamos mais “pensar sobre eles” para executá-los. O conhecimento assim é incorporado. A cognição emerge da corporeidade, da experiênciavivida e da capacidade do ser humano se movimentar. (PASSOS; TEIXEIRA-MACHADO, 2021)

A questão nove para os coordenadores teve o intuito de diagnosticar se os coordenadores utilizam alguma estratégia de ensino ou recursos diferenciados para o ensinoda dança folclórica alemã para participantes com deficiência, e dentre as falas, alguns coordenadores demonstraram a crença no potencial dos seus alunos:

“Eu o trato como se ele fosse um aluno normal. Eu sei que é diferente mas ele tem que aprender porque eu sei que ele é capaz de fazer as coisas como ele quer. Ele tem capacidade. Às vezes um pouco mais difícil de lhe pegar. Sim mas eu sei que ele consegue porque se ele consegue fazer uma outra coisa ele tem um ouvido musical bom. (C3)

“Não tem diferença, né? Ele é um dançarino, um participante como todos os outros. Ele é assim, eu tenho alguns que são mais velhos que já estão que poderiam estar no adulto mas eles não querem sair do juvenil sabe? Eu tenho os meus que são quase maior que eu e aí eles ajudam né? Quando mais novo ele era ele é muito observador, mas bem tranquilo. Às vezes ele saltita, ou se distrai com outra coisa, então o pessoal espera e aí a gente começa mas é bem tranquilo. E eu digo: vamos lá, tô esperando, vamos né?” (C5)

“Ele precisa treinar só um pouquinho mais e eu tento não excluí ninguém. Só que às vezes é inevitável não tem como dizer que ele está do lado né. Daí eu já vi que uma vez ele ficou sozinho não tinha par, mas mesmo sozinho ele dança”. (C6)

Os casos relatados C3, C5 e C6 são de coordenadores que tem alunos com TEA, e nos dois relatos é possível observar que os alunos participam com o grupo, mas que precisam de

um reforço do coordenador, seja para repetir o passo até aprender, ou de uma intervenção para definir quem será o par que o aluno vai dançar, as vezes até mesmo evitando que fique sozinho.

O Transtorno do Espectro Autista se define, conforme Oliveira, Sertié (2017, p.233) “*distúrbios do desenvolvimento neurológico precoce, caracterizado por comprometimento das habilidades sociais e de comunicação, além de comportamentos estereotipados*” Nos casos citados, segundo o C3, C5e C6 os alunos tem movimentos involuntários que são mais visíveis quando eles estão animados, e por isso acontece frequentemente durante os ensaios em momentos de euforia. O aluno do C3 bate palmas, e o aluno do C6 balança a cabeça para frente e para trás.

Nesse sentido, “a dança, como atividade física, fomenta a redução de comportamentos atípicos, pois modula, fisiologicamente, atitudes estereotipadas mediante liberação de neurotransmissores específicos”. (TEIXEIRA-MACHADO, 2015, p. 209)

Já no caso da C8, ela relata sobre a experiência com uma aluna com síndrome de Down. E novamente foi citado a necessidade de disponibilizar atenção especial para que a aluna aprendesse e conseguisse acompanhar a turma.

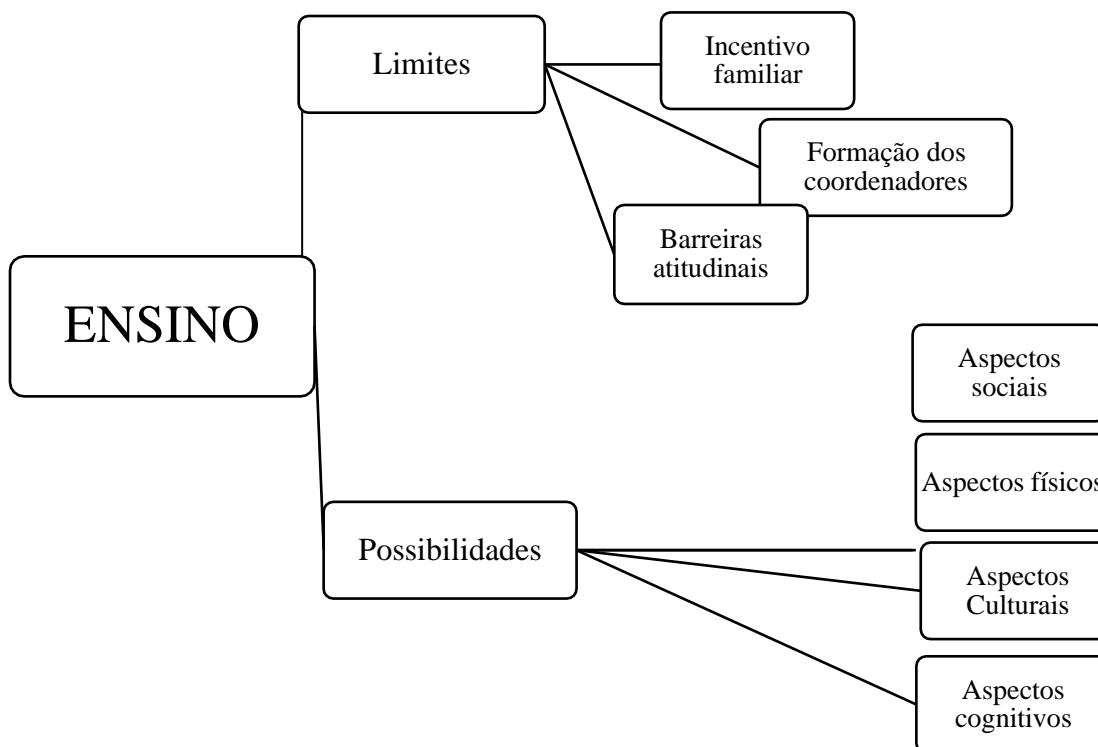
“As vezes uma demonstração de alguma coisa, eu tinha mais contato com ela, para demonstrar um passo, ou pegava ela como exemplo, nesse sentido sim, mas mais específico pra ela, né. Para o benefício dela e não pelos outros”. (C8)

A dança de forma geral para as pessoas com síndrome de Down, segundo da Silva Fonseca (2011) “é benéfica para minimizar os efeitos deletérios da referida patologia, potencializando a motricidade dos indivíduos acometidos, ocasionando melhor percepção espaço temporal, ampliação das relações sociais.” (da SILVA FONSECA, *et al*, 2011, p.45).

A prática da dança é capaz de produzir mudanças na postura e consciência corporal. Além de estabelecer uma relação extraordinária com a deficiência, através da qual se pode explorar a habilidade física do corpo e sua visibilidade cultural (PERNAMBUCO *et al.*, 2010).

Com os relatos e interface com a literatura, ficou evidente que cada caso é único, apesar de algumas situações e características serem semelhantes em alguns casos, principalmente nos integrantes com síndrome de Down e Transtorno do Espectro Autista. Pensando nisso, foi realizado uma análise temática das respostas dos coordenadores em relação aos limites de ensino da DFA para as PCD, agrupando as respostas foram reproduzidas em categorias, conforme apresenta a figura 7.

Figura 7 – Mapa temático Possibilidades e limites do ensino da DFA sob a ótica dos coordenadores.



Fonte: elaborado pela autora com base no resultado da coleta de dados. (2022)

4.3.3.1 Limites de ensino

No que tange ao limite de ensino para as PCDs, surgiram quatro categorias: incentivo familiar; formação dos coordenadores; e barreiras atitudinais.

a) Falta de Incentivo familiar:

Diferente das pessoas com desenvolvimento típico, a PCD precisa de pessoas (na maioria das vezes familiares) que estejam dispostos a oportunizar o acesso as aulas de dança. Os ensaios acontecem geralmente em local e horário diferenciados da sua rotina, sendo preciso ter uma pessoa responsável em acompanhá-los até o local da aula.

“Vejo que uma grande limitação é a ausência de incentivo dos familiares, pois a PCD depende deles para trazer até o ensaio e nem sempre eles estão dispostos”. (C6)

“Já convidei PCD que moram perto da minha casa, mas a família considera que vai “dar” muito trabalho e nem faz questão de conhecer.” (C10)

Com a fala de C6 e C10 percebe-se como alguns dos familiares podem influenciar de maneira NEGATIVA nessa relação da PCD com a DFA, considerando que dependem desse acesso para conhecer a DFA e poder praticar regularmente.

De acordo com os coordenadores, as PCDs já têm uma rotina cansativa, considerando que precisam frequentar profissionais da saúde regularmente, como por exemplo psicólogos, fisioterapeutas e fonoaudiólogos. Munster (2004, p.3) comenta que “às vezes cria-se uma aura em torno da questão da deficiência, que ofusca a visão da pessoa que está por detrás dela, dificultando a percepção de seus reais interesses e necessidades.

Todavia, muitos familiares nem cogitam a possibilidade de incluir na rotina a DFA que é uma atividade extra, por conta da disponibilidade de tempo e muitas vezes de prioridade. Ponderando que os grupos de DFA exercem funções além das aulas, como as apresentações e organizações de eventos, por exemplo. Formando uma ponte entre a PCD e a DFA.

b) Formação dos coordenadores

No que se refere ao segundo item do mapa temático desta categoria, a formação dos coordenadores também foi citada em vários relatos.

Grande parte dos coordenadores participantes da pesquisa não tem formação acadêmica em ensino superior voltado à docência. Em alguns casos o único contato e meio que se insere exercendo a função de “professor” é no grupo de dança, e muitas vezes realizando um trabalho voluntário, fato esse que distancia o coordenador com a realidade da PCD.

Conseqüentemente, esse foi um dos limites na possibilidade de ensinar a DFA pelas características que as deficiências apresentam e conseqüentemente, a resposta que apareceu com maior frequência na sequência foi em relação a preparação do coordenador para atuar com esse público.

Considerando que para essa pesquisa, um dos critérios dos participantes coordenadores era de apresentar ao mínimo 40 horas de curso de aperfeiçoamento de coordenadores de DFA na ACG, essa formação foi muito citada entre os entrevistados, no sentido de perceberem a ausência desse tema nas formações refletindo na prática.

Nesse momento, surge entre os entrevistados a narrativa da possibilidade de inserção desse tema nos próximos cursos. Tendo como objetivo compreender quais são as características dos diferentes tipos de deficiência, e também as possibilidades de ensino e adaptações para essas diferentes características apresentadas por esses alunos.

Mediante o exposto, surge o terceiro item do mapa temático desta categoria: características da deficiência.

De maneira geral, os coordenadores dizem que com o tempo aprendem na prática a lidar com os dançarinos com deficiência, considerando que cada qual tem suas características, particularidades e peculiaridades. E dessa forma, nascem as estratégias de ensino da DFA, baseados na vivência na dança daquele dançarino incluso no grupo.

c) Barreiras atitudinais

Outra categoria frequente foi de barreiras atitudinais, Munster (2004, p.4) conceitua como “atitudes projetadas a partir da sociedade em direção à pessoa com deficiência, ou que partem da própria pessoa com deficiência em relação a si mesma e/ou à sociedade.”

Nesse sentido, o item barreiras atitudinais se exemplificou em momentos que coordenadores citavam acontecimentos específicos. Como por exemplo o relato de C5.

“Já aconteceu de participarmos de um evento com o grupo, e ao nos posicionar para entrar no palco todos os olhares do público se voltarem a uma dançarina com síndrome de Down. Ficou uma situação constrangedora para o grupo, pois a impressão que tínhamos é que o público apenas queria ver se ela conseguia dançar.”
(C5)

Ou então, no caso que C3 comentou sobre a convivência em grupo.

“Às vezes a convivência do meu aluno com deficiência com os demais do grupo não é agradável. Ele quer fazer no momento dele, do jeito dele, e nem sempre compreende o coletivo se esforçando para realizar a coreografia de maneira correta, e isso irrita os demais.” (C3)

Evidencia-se que o comportamento do P3 influencia no rendimento do ensaio. Por querer fazer somente quando lhe convém. C3 também relata que os colegas acabam se distanciando por conta dessas atitudes, ou até mesmo se recusando em dançar com ele.

“Percebo que alguns integrantes tem receio de dançar com ele porque precisam ter contato físico. Já observei que as meninas não o escolhem para dançar, ele sempre fica por último e eu preciso intervir.” (C17)

Com o relato de C17 percebe-se que o coordenador solicita que os dançarinos escolham seus pares para dançar e acabam excluindo o participante com deficiência por conta de suas características.

Esse fato de a DFA exigir o contato físico ao menos com o seu par também foi apontado por Bröcker (1996) em sua pesquisa. Segundo ela, esse é uma das limitações da prática da DFA, considerando que a maioria das danças são em casal envolvendo contato corporal próximo. Pressupondo que para a atividade ser apreciada é preciso que ambos os membros da dupla possam dançar bem.

Apenas um participante citou que sente que seu aluno com deficiência não se sente confortável participando, não tem interesse, mas que sua mãe insiste em trazê-lo no sentido de que acredita que ao longo prazo ele vai se adaptar. Fica evidente que a maioria das PCD

participantes desta pesquisa e que estão inseridas no meio da DFA gostam de participar, fato que facilita a aprendizagem e interação com o meio.

4.3.3.2 Possibilidades de ensino

Analisando os relatos dos 14 coordenadores foi possível compreender que a DFA como uma possibilidade de ensino para a PCD perpassa por quatro aspectos, sendo eles: social, físico, cognitivo e cultural.

a) Aspectos sociais

O aspecto social foi o mais citado entre os participantes. Considerando que a DFA proporciona contato com outras pessoas, diversão, viagens, apresentações, e tudo isso como uma consequência, afinal, os dançarinos ao buscar um grupo de DFA normalmente buscam pelo prazer em dançar, mas para dançar a DFA é preciso ter contato com outras pessoas e conviver em sociedade.

Wedekind (1993) observa que "a dança foi e ainda é parte integrante de celebrações. Existem muitos tipos de danças folclóricas, mas elas compartilham um elemento comum: diversão".

Mas essa situação não acontece somente na DFA. MONTEZUMA, *et, al.* (2011) realizou um estudo experimental intrassujeito do tipo AB com surdez congênita, aplicando aulas de dança na modalidade *jazz*, e como resultado puderam observar que sujeitos estabeleceram interação com o meio que foram demonstradas por meio do movimento, compreendendo melhor a dinâmica espacial.

b) Aspectos físicos

Esse aspecto no sentido de limitação física-motora é perceptível em alguns relatos de coordenadores. E por vezes, exigem maior atenção ou auxílio, como no caso relatado pelo C4 que faz o uso de cadeiras de roda.

“Ele gosta de ser ativo na dança, conseguir realizar algum passo, nem que seja bater palmas. No caso desse meu aluno ele tem deficiência física, e eu preciso adaptar a coreografia para que ele também consiga participar e na maioria das vezes eu acabo dançando com ele porque a cadeira de rodas é pesada e eu já tenho experiência”. (C4)

Assim, a cadeira de rodas necessita passar por um processo de re-significação, que tem que ser trabalhada como um elemento que faz parte da dança. De acordo com Ferreira; Ferreira (2004) o que se vê num trabalho de dança em cadeira de rodas, é que ela produz

sentidos implícitos que são mais fortes do que os que não são ditos, produzindo o sentido da deficiência, sendo este o marco da diferença do sentido sócio/cultural de uma sociedade.

Apesar do relato de C4 afirmar que é possível participar da DFA com cadeira de rodas, percebeu-se que esse foi o único caso encontrado. Em contraponto, ampliando para outro estilo de dança, Rossi e Munster (2013) realizaram um estudo na produção científica de teses e dissertações brasileiras, sobre a interface dança e pessoas com deficiência. De acordo com o estudo, destacou-se a dança contemporânea em cadeira de rodas com base na teoria de Rudolf Laban, dentro de um contexto artístico e educacional.

Houve também relato do C11 que exemplificou outro caso da deficiência física, mas sem o uso de cadeira de rodas.

“Meu aluno não conseguia pisar com a sola dos dois pés no chão, e também apresentava uma limitação no movimento dos braços. Por várias vezes tive que deixá-lo de fora de danças, ele participava menos em apresentações justamente por não conseguir dançar em par com colegas no ritmo da música. O seu movimento era muito limitado”. (C11)

Percebe-se através da fala do C11 que em alguns momentos acaba acontecendo a exclusão do dançarino por conta de suas características físicas. Em outro momento ele cita que esse aluno gosta muito de ir junto aos eventos mesmo que não dance as coreografias, e nesse caso quando tem entrada do grupo no palco é comum que ele seja a primeira pessoa a entrar no palco carregando a bandeira com o brasão do grupo.

Nesse sentido ressalta-se que para que haja benefícios oriundos da prática da DFA não é necessário que a PCD esteja envolvida obrigatoriamente em todas as coreografias. Santos, Gutierrez e Roble (2019, p276) reforçam esse aspecto “a partir do momento em que as pessoas que dançam, ou que apreciam a performance de outrem, dão significado a essa experiência, elas tornam-se propensas a algum tipo de transformação, individual (pessoal) ou coletiva (social).

c) Aspectos culturais

Neste aspecto, foi citado pelos coordenadores que o ensino da DFA pode auxiliar em um aspecto do processo de aculturação. Considerando que uma possibilidade de DFA é cantar e dançar ao mesmo tempo, por exemplo. Nesse caso, os alunos precisam saber cantar em outro idioma: o alemão.

Segundo Paiva et al, (2021), a dança para pessoas com SD, como manifestação cultural e não somente intervenção terapêutica, é benéfica nos aspectos físico-motores, cognitivos, socioafetivos e educativos. Os programas que envolvem a dança, em suas diversas manifestações, mostraram positivos na maioria dos estudos e apontam para possíveis

adaptações que respeitem as individualidades de cada pessoa e permitam a participação da pessoa com SD de forma efetiva e satisfatória.

Dessa forma, as narrativas que visam postular a prática do folclore como “herança cultural” direta e consequente da imigração alemã tem por objetivo a construção de uma história e de um legado para o folclore “alemão” no Brasil (VOIGT, 2018).

Se tratando dos participantes jovens e adultos, esses aspectos estruturais da língua alemã ainda podem ser ensinados por meio de danças folclóricas, mas informações sobre história cultural podem ser adicionados em relação aos trajes especiais, a música, diferentes costumes, dialetos, etc. (WEDEKIND, 1993)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o objetivo geral da pesquisa, qual seja compreender as repercussões da DFA na perspectiva das PCD, seus familiares, coordenadores e colegas. Os resultados demonstraram que a prática dessa modalidade tem um impacto relevante na vida das pessoas com deficiência.

Tais achados demonstram a DFA como uma prática para esse público que deve ser explorada. Estes que contribuem para o avanço da pesquisa na área da dança e pessoa com deficiência, uma vez que desvelam os fatores que contribuem para essa experiência da DFA e PCD.

Desta forma, preenchendo uma lacuna na literatura que pode ser o primeiro passo para a construção de um conhecimento acerca de utilizar a DFA como uma possibilidade de ensino para as PCD, identificando durante a revisão de literatura que até o momento da pesquisa não existia pesquisas relacionando esse estilo de dança em específico com as PCD.

A pesquisa permitiu identificar a DFA como uma manifestação cultural que permite a participação de pessoas com e sem deficiências, preservando as tradições populares e o sentimento de pertencimento entre todos os integrantes. Além disso, esses resultados também favorecem as pesquisas na área de Educação Física, e/ou Atividade Física Adaptada, particularmente no que tange para o campo da dança.

De maneira geral, foi constatado que a participação de PCD no grupo tradicional de DFA ocorre de forma natural e espontânea, sem a necessidade de grandes modificações. Em determinadas coreografias se faz necessário realizar pequenas alterações no processo de ensino, de forma a possibilitar o engajamento de todos os participantes. Na maioria das vezes, as decisões quanto às adaptações coreográficas eram realizadas coletivamente. Em alguns momentos as adequações eram restritas à PCD, e conseqüentemente à pessoa que fazia par com a mesma.

No que se refere a implicações práticas, os resultados obtidos por esta pesquisa servem como um diagnóstico de como está sendo a prática de DFA para as pessoas com deficiência. Reforçando que as PCD são uma porcentagem que participa do grupo, assim como as pessoas sem deficiência.

Neste sentido, coordenadores de DFA podem utilizar tais achados dessa pesquisa para ampliar seus conhecimentos acerca deste público na DFA. Em contra partida, professores de forma geral, podem através deste trabalho identificar a DFA como uma possibilidade de

ensino para suas aulas, seja de Educação Física, Artes, Projetos, etc. Ainda, este estudo contribui para que as PCD possam identificar a DFA como uma possível prática em sua rotina.

Para futuras pesquisas, recomenda-se que a DFA seja utilizada como uma investigação e possibilidade de ensino para as PCD, não se limitando a sua prática apenas em grupos folclóricos. Sendo possível praticar em outros ambientes, como por exemplo escolas, projetos de extensão, oficinas de recreação e lazer. Por fim, sugere-se também que estudos como esse sejam ampliados afim de criar um ambiente de valorização à diversidade, favorecendo o relacionamento interpessoal entre as PCD e seus pares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCARAS G. M. **A dança na inclusão de pessoas com deficiência intelectual.** Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/216871>>.
- ALVES, M. L. T.; FIORINI, M. L.S. Como promover a inclusão nas aulas de educação Física? A adaptação como caminho. **Revista da associação brasileira de atividade motora adaptada**, v. 19, n. 1, p. 3-16, 2018.
- ALVES F.R.F, GIL, F.C.M., CATALDI C.L., PAULA O.R., FERREIRA E.L. Proposta metodológica de dança para crianças com deficiência intelectual. Conexões: **Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp**. Campinas, v.10, n. 3, p 101-112, 2012.
- ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. A percepção dos alunos com deficiência sobre a sua inclusão nas aulas de Educação Física escolar: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, p. 329-338, 2014.
- AZEREDO, F.A. **Herança açoriana nas danças tradicionais do Rio Grande do Sul.** 1 ed. Rio Grande do Sul: EdUNISC, 2019. 175p.
- BENJAMIN, R. Conceito de folclore. **Projeto Encontro com o Folclore.** 2011. Disponível em < https://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_conceito.pdf>. Acesso em 26 de outubro de 2021.
- BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão com Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF. 2015.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Virginia, vol. 3, n. 2. p. 77-101, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 31 de out. 2021.
- BRANTLINGER, E., JIMENEZ, R., KLINGNER, J., PUGACH, M., RICHARDSON, V. **Qualitative studies in special education. Exceptional Children**, 2005, p. 195–207.
- BRÖCKER, M. (1996). **Folk Dance Revival in Germany.** *The World of Music*, 38 (3), 21-36.
- CACHAMBU, A., FERNANDES, D., ZACHAZESKI, L., ROCHA, T., SPOLAVORI, T. O Folclore e a Educação. **Cadernos FAPA**, p.53-58. 2005.
- CERRONI, G. A. SANTIAGO, J. B. **Dança para pessoa com Síndrome de Down.** In Déa, V. H. S. D. DUARTE, E. (Orgs) Síndrome de Down. Informações, caminhos e histórias de amor. São Paulo: Phorte, 2006. p. 263-281.
- CONE, T. P., CONE, S. L. **Ensinando dança para crianças.** 3 ed. Barueri, São Paulo: Manole. 2015
- _____. **Decreto n. 5.296, 2 de dezembro de 2004.** Regulamenta as Leis N° 10.048, de 8 de novembro de 2000, e a Lei N° 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 2004.

DA SILVA FONSECA, A. *et al.* Benefícios da Dança em portadores de Síndrome de Down: revisão sistemática. **Encontro: Revista de Psicologia**, v. 14, n. 20, p. 37-47, 2011.

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Diário Oficial da União. Brasília, 2015.
Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 15 jun 2021.

FRANZEN, D; BADALOTTI, C. M.; DE CHAVES, CHAVES, G. C.. Dimensões da cultura germânica em Itapiranga (sc): o patrimônio imaterial e sua relação com a identidade, a memória e a tradição. **Revista de Historia Social y de las Mentalidades**, v. 23, n. 1, p. 171-188, 2019.

FERREIRA, Eliana Lucia; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. A possibilidade do movimento corporal na dança em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Cinesiologia e Movimento, Brasília**, v. 12, n. 4, 2004.

Georg Olms AG, Hildesheim p. 6 – 8. 1996

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GIOVANONI, N. **A dança como elemento de identidade alemã no oeste de Santa Catarina: um estudo sobre o Eintracht Volkstanzgruppe Aus Chapecó**. Trabalho de conclusão do curso de graduação. Curso de Geografia. Chapecó, Santa Catarina, 2018

GONZÁLES, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (org) In: KIOURANIS, T. D.. **Ginástica, dança e atividades circenses: Dança**. Maringá: Eduem, 2014.

GRIESI-OLIVEIRA, K.; SERTIÉ, A. L. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein (São Paulo)**, v. 15, p. 233-238, 2017.

MAIA, A. V. FREIRE, F. SANTOS, L. G. T. F. In: COSTA, L. T. DUARTE, E. GORLA, J. I (org.). **Síndrome de Down: crescimento, maturação e atividade física**. São Paulo, Phorte Editora, 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. Atlas, São Paulo, 2003.

MINAYO, M. C. S (org.). **O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 32ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MONTEZUMA, M. A. L. et al. Adolescentes com deficiência auditiva: a aprendizagem da dança e a coordenação motora. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 17, n. 2, p. 321-334, 2011.

MUNSTER, M. A. Atividades recreativas e deficiência: perspectivas para a inclusão. In: Schwartz, Gisele Maria (Org.). **Atividades recreativas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004, p. 137-155.

PAIVA, R. R. ALVES, I. S. MONTEIRO, C. P. MORATO, M. P. Dança e síndrome de Down: uma revisão sistemática. **Revista da associação brasileira de atividade motora adaptada**, v. 22, n. 1, p. 217-234, 2021.

PASSOS, A. A.; TEIXEIRA-MACHADO, L. O entrelaçamento do movimento corporal expressivo da pessoa com deficiência no ambiente escolar. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. e48710817588, 2021.

PERNAMBUCO, A. P. et al. Estudo da correlação entre a dança e a postura corporal de portadores de síndrome de Down avaliados pela biofotogrametria computadorizada. **Fisioterapia Brasil**, Minas Gerais, v. 11, n. 6, p. 411-416, 2010.

ROSSI, P.; MUNSTER, M.A.V. Dança e deficiência: uma revisão bibliográfica em teses e dissertações nacionais. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 181-205, 2013.

RODRIGUES, D. As dimensões de adaptação de atividades motoras. In: RODRIGUES, D. (Org.). **Atividade motora adaptada: alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006

SANTOS, V. M; TAVARES, J. S. A. **Dançar na escola: uma reflexão a partir do diálogo com alunos de uma escola federal de Aracaju**. 5º colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade” São Cristovão-SE, 2011.

SANTOS, R. F.; GUTIERREZ, G. L.; ROBLE, Odilon José. Dança para pessoas com deficiência: um possível elemento de transformação pessoal e social. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, p. 271-276, 2019.

SRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Caderno Cedes**, Campinas, n. 53, 2001.

TEIXEIRA-MACHADO, Lavinia. Dançaterapia no autismo: um estudo de caso. **Fisioterapia e pesquisa**, v. 22, p. 205-211, 2015.

UNESCO. **Patrimônio Imaterial** Disponível em <
<https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/world-heritage-brazil>> Acesso em 10 de outubro de 2021.

VARGAS, L. A. A dança na escola. *Revista Cíniegis*, Santa Cruz do Sul, v.4, n.1, p.09-13, Jan/Jun., 2003.

VIGOTSKI, L. S. Fundamentos da defectologia. In: VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas. Tomo V**. Madri: Visor, 1997.

VOIGT, L. **O espaço de práticas do folclore alemão autêntico no Brasil: um estudo de sociologia da cultura e das Elites**. Dissertação (mestrado) da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2018.

WEAVER, S.; CANNING, C. D. Recreação. In: Pueschel, S. (Org.). **Síndrome de Down: guia para pais e educadores**. 12. Ed. Campinas: Papyrus, 2007.

WEDEKIND, A. German Folk Dances: An Innovative Teaching Tool. **Mid-Atlantic Journal of Foreign Language Pedagogy**, v. 1, p. 30-34, 1993.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Questionário sociodemográfico

A. Integrantes dançarinos com deficiência.

- 1) Qual seu nome?
- 2) Quantos anos você tem?
- 3) Qual o nome do grupo de dança alemã que você participa?
- 4) Qual a cidade e estado que você mora?

B. Responsáveis/acompanhante/familiar dos participantes dançarinos com deficiência.

- 1) Qual o seu nome?
- 2) Qual o nome do seu familiar que tem deficiência e participa de um grupo de dança folclórica alemã?
- 3) Há quanto tempo ele(a) participa desse grupo?
- 4) Qual o nome do grupo?
- 5) Qual a cidade e estado do ele(a) participa?

C. Coordenadores/professores de dança folclórica alemã.

- 1) Qual seu nome?
- 2) Qual a sua formação?
() Ensino Fundamental
() Ensino Médio
() Ensino Superior
() Pós graduação
Outro _____
- 3) Qual o nome do grupo você coordenou que teve/tem integrante com deficiência?
- 4) A qual cidade e estado esse grupo pertencia/pertence?
- 5) Quais os tipos de deficiência que você já teve contato enquanto coordenador?
- 6) Você já fez algum curso/aperfeiçoamento para coordenar grupo de dança alemã? Se sim, qual?
- 7) Como você conheceu a dança folclórica alemã?

D. Integrantes de grupos folclóricos com pessoas com deficiência.

- 1) Qual seu nome?
- 2) A quanto tempo você participa de um grupo de dança folclórica alemã?
- 3) Qual o nome do grupo você participou/participa e que teve/tem integrante com deficiência?

- 4) A qual cidade e estado esse grupo pertencia/pertence?
- 5) Qual a deficiência do seu colega?
- 6) Como você conheceu a dança folclórica alemã?

APÊNDICE B

Roteiro para Entrevista Semiestruturada aos participantes

A. Integrantes dançarinos com deficiência.

- 01) De que forma você conheceu a dança folclórica alemã?
- 02) Como (por quais meios/através de quem) você conheceu o grupo?
- 03) Há quanto tempo você participa de um grupo de dança folclórica alemã?
- 04) Quais motivos o/a levaram a participar de um grupo de dança folclórica alemã?
- 05) O que você mais gosta na dança folclórica alemã?
- 06) Me conte um pouco como é pra você participar desse grupo.
- 07) Você necessita de alguma ajuda para participar da dança?
- 08) Existe algum desafio/barreira/obstáculo/dificuldade para a sua participação na dança folclórica?
- 09) Você já participou de alguma apresentação de Dança Folclórica? Se sim, como você se sentiu? Se não, por quais motivos?
- 10) Na sua opinião, o que você mais gostou da experiência de participar das apresentações?
- 11) Na sua opinião, o que você menos gostou da experiência de participar das apresentações?

B. Responsáveis/acompanhante/familiar dos participantes dançarinos com deficiência.

- 01) Há quanto tempo o/a (nome do aluno) participa de um grupo de dança folclórica alemã?
- 02) Na sua percepção, quais motivos levaram o/a (nome do aluno) a participar de um grupo de dança folclórica alemã?
- 03) Na sua percepção, o que o/a (nome do aluno) mais gosta na dança folclórica alemã?
- 04) Na sua percepção, quais as repercussões ou desdobramentos decorrentes da participação do/a (nome do aluno) na dança folclórica?
- 05) Você percebe benefícios da prática dança folclórica alemã no cotidiano do/a (nome do aluno). Se sim, quais?
- 06) Você percebe barreiras para a prática dança folclórica alemã no cotidiano do/a (nome do aluno). Se sim, quais?
- 07) Como é o seu relacionamento com os colegas do grupo e professores do/a (nome do aluno)?

- 08) Na sua opinião, o que o/a (nome do aluno) mais gostou da experiência de participar das apresentações?
- 09) Na sua opinião, o que o/a (nome do aluno) menos gostou da experiência de participar das apresentações?

B. Coordenadores/professores de dança folclórica alemã.

- 01) Qual sua experiência anterior em dança folclórica alemã anterior a esse grupo?
- 02) Há quanto tempo você ensina dança folclórica alemã?
- 03) Em que momento/como você soube que teria um participante com deficiência no grupo? Qual foi sua reação diante dessa situação?
- 04) Como é o seu relacionamento com os alunos com deficiência?
- 05) Como você percebe a interação do/a (nome do aluno) com os demais integrantes do grupo?
- 06) Como você percebe as atitudes do grupo em relação a participação do/a (nome do aluno)?
- 07) Diante dessas atitudes, de que forma você intervém?
- 08) Qual(is) o(s) tipos de deficiência que você já teve contato enquanto professor de um grupo folclórico?
- 09) Você usa alguma estratégia de ensino ou recursos diferenciados para o ensino da dança folclórica alemã para participantes com deficiência?
- 10) Na sua percepção, quais as repercussões ou desdobramentos decorrentes da participação do (nome do aluno) na dança folclórica?
- 11) Você percebe benefícios da prática dança folclórica alemã no cotidiano dos participantes. Se sim, quais?
- 12) Você percebe barreiras para a prática dança folclórica alemã no cotidiano dos participantes. Se sim, quais?
- 13) Na sua opinião, o que os participantes mais gostam da experiência de participar das apresentações?
- 14) Na sua opinião, o que os participantes menos gostam da experiência de participar das apresentações?
- 15) Pensando em um contexto geral, nos demais grupos existentes em outras localidades, como poderia haver um maior incentivo a participação desse público na dança folclórica alemã?

D. Integrantes de grupos folclóricos com pessoas com deficiência.

- 01) Há quanto tempo você participa de um grupo de dança folclórica alemã?
- 02) Como você percebe a participação do/a (nome do aluno) na dança folclórica alemã?
- 03) Na sua percepção, o que o/a (nome do aluno) mais gosta na dança folclórica alemã?
- 04) Na sua percepção, quais as repercussões ou desdobramentos decorrentes da participação do/a (nome do aluno) na dança folclórica?
- 05) Você percebe benefícios da prática dança folclórica alemã para o/a (nome do aluno).
Se sim, quais?
- 06) Você percebe barreiras para a prática dança folclórica alemã para o/a (nome do aluno).
Se sim, quais?
- 07) Como é o seu relacionamento com o/a (nome do aluno)?
- 08) Como você percebe a relação do/a (nome do aluno) com os demais participantes.
- 09) Na sua opinião, como é a participação do/a (nome do aluno) nas apresentações de dança folclórica alemã?

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL - PPGEES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 510/2016 do CNS)

Repercussões da dança folclórica alemã sob a perspectiva de pessoas com deficiência e demais participantes.

Você _____, portador(a) do RG _____ e seu filho(a) _____ estão sendo convidados(as) a participar do projeto de pesquisa intitulado “Repercussões da dança folclórica alemã sob a perspectiva de pessoas com deficiência e demais participantes.”, desenvolvido em caráter de pesquisa de pós graduação nível mestrado pela acadêmica Bruna Poliana Silva, aluna do mestrado em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Mey de Abreu van Munster, responsável pela pesquisa. A pesquisa a ser desenvolvida obedece aos princípios éticos estabelecidos pela resolução CNS 510/2016, garantindo o respeito, integridade física, emocional, privacidade, sigilo, autonomia e o bem-estar de todos os participantes.

Seu filho(a)/companheiro(a) foi selecionado(a) por ter algum tipo de deficiência e por ser integrante de um grupo de dança folclórica alemã que é vinculado a Associação Cultural de Gramado. Essa pesquisa tem como principal objetivo compreender o significado da dança folclórica alemã na vida de pessoas com deficiência. Como benefícios à participação na pesquisa, cabe indicar que com sua participação, além da relevância social e científica, demais pessoas poderão saber dos benefícios da prática da dança folclórica alemã.

Como riscos, o participante poderá optar em responder ou não as perguntas contidas no questionário e roteiro ou parar quando achar conveniente, caso traga certo constrangimento e/ou desconforto, por sentir-se com receio da exposição de suas declarações

Não será oferecido ressarcimento financeiro, considerando que a participação na pesquisa é voluntária e a qualquer momento é permitido desistir do envolvimento na pesquisa, sendo que a recusa de seu(sua) filho(a) não trará nenhum prejuízo para o(a) mesmo(a). Seu filho(a) terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

Antes do início da pesquisa, seu(sua) filho(a)/companheiro(a) será consultado verbalmente pelas pesquisadoras quanto ao interesse ou não em participar da pesquisa. Mediante assentimento do participante, solicitamos a assinatura deste termo de consentimento livre e esclarecido. Você receberá uma via desse documento, podendo a qualquer momento esclarecer possíveis dúvidas sobre a pesquisa ou programa de intervenção, pessoalmente ou por contato telefônico, diretamente com a pesquisadora responsável.

Declaro que entendi os riscos e benefícios da participação na pesquisa e autorizo meu filho a fazer parte da mesma. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, que funciona na Pró-Reitoria de

Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Washington Luís, km 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565.905 – São Carlos – SP – Brasil – Fone: 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

São Carlos, ____ de _____ de 2021.

Assinatura do responsável pelo participante Assinatura do pesquisador responsável

Pesquisadora: Bruna Poliana Silva

Aluna do Curso de Pós Graduação em Educação Especial da UFSCar.

Telefone para contato: (45) 99815-1352. E-mail: brunapolianasilva@hotmail.com

Orientadora e responsável pela pesquisa: Profa. Dra. Mey de Abreu Van Munster
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana – UFSCar.

Telefone para contato: (16) 3306-6942. E-mail: mey@ufscar.br

APÊNDICE D

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TALE): Coordenadores, pais e participantes considerados colegas.

Eu, _____, portador(a) do RG _____, fui convidado(a) a participar da pesquisa em caráter de Dissertação de Mestrado intitulada “Repercussões da dança folclórica alemã sob a perspectiva de pessoas com deficiência e demais participantes.”, desenvolvido em caráter de pesquisa de pós graduação nível mestrado pela acadêmica Bruna Poliana Silva, aluna do mestrado em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Mey de Abreu van Munster, responsável pela pesquisa. A pesquisa a ser desenvolvida obedece aos princípios éticos estabelecidos pela resolução CNS 510/2016, garantindo o respeito, integridade física, emocional, privacidade, sigilo, autonomia e o bem-estar de todos os participantes.

Fui informado(a) que esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o significado da dança folclórica alemã na vida de pessoas com deficiência. Como benefícios à participação na pesquisa, cabe indicar que com sua participação, além da relevância social e científica, demais pessoas poderão saber dos benefícios da prática da dança folclórica alemã.

Foi esclarecido que a realização de tal pesquisa justifica-se pela importância da prática da Dança Folclórica Alemã na vida das pessoas com deficiência. Dessa maneira, surge a necessidade de um estudo que tenha como finalidade investigar como que as atividades dos grupos folclóricos acontecem quando se tem um integrante com deficiência.

Fu selecionado(a) por ser coordenador, colega ou familiar de um integrante com deficiência de grupo de dança folclórica alemã. Meu envolvimento consistirá em responder um questionário sociodemográfico e a participar de uma entrevista com horário marcado através do Google Meet com a pesquisadora. Concordo que a entrevista será gravada, com o único objetivo da pesquisadora transcrever e utilizar para a pesquisa. Estou ciente que meu nome não será divulgado como participante desta pesquisa.

Fui informado(a) também que a minha participação será voluntária, estando à vontade para interromper a minha participação na pesquisa a qualquer momento ou qualquer situação, anulando o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A minha recusa em participar da pesquisa não envolverá prejuízos ou comprometimentos no meu relacionamento com o pesquisador ou com a instituição responsável.

Estou ciente que o acompanhamento da pesquisa será feito pela acadêmica Bruna Poliana Silva, sob orientação da Profa. Dra. Mey de Abreu Van Munster, a partir de uma entrevista semi estruturada, de forma on-line, através da plataforma Google Meet.

Concordo e aceito que as informações e resultados obtidos por meio dessa pesquisa poderão se tornar públicos, mediante a publicação de relatórios e trabalhos científicos, desde que a minha identidade não seja revelada. E, que os dados coletados serão tratados de forma sigilosa, assegurando o anonimato e a não identificação dos participantes, sendo utilizadas siglas ou nomes fictícios.

Fui informado(a) e estou ciente que não será oferecido ressarcimento financeiro, uma vez que a presente pesquisa.

Estou ciente de que deverei receber uma cópia deste termo, no qual deverá constar o nome, o telefone e o endereço do pesquisador principal para que eu possa tirar eventuais dúvidas sobre o projeto e sobre a minha participação, além do nome telefone e endereço da orientadora dessa pesquisa. Fui informado(a) que poderei solicitar tais esclarecimentos a qualquer momento ou em qualquer fase da pesquisa.

Declaro que entendi os riscos e benefícios da participação na pesquisa e autorizo meu filho a fazer parte da mesma. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Washington Luís, km 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565.905 – São Carlos – SP – Brasil – Fone: 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

São Carlos, _____ de _____ de 2021.

Assinatura do responsável pelo participante Assinatura do pesquisador responsável

Pesquisadora: Bruna Poliana Silva

Aluna do Curso de Pós Graduação em Educação Especial da UFSCar.

Telefone para contato: (45) 99815-1352. E-mail: brunapolianasilva@hotmail.com

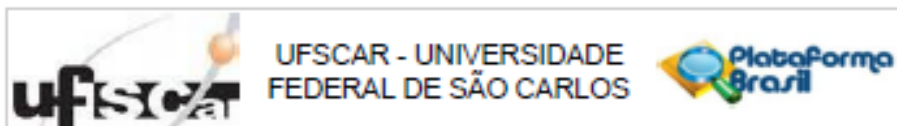
Orientadora e responsável pela pesquisa: Profa. Dra. Mey de Abreu Van Munster
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana – UFSCar.

Telefone para contato: (16) 3306-6942. E-mail: mey@ufscar.br

ANEXOS

ANEXO 1

Parecer do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Repercussões da dança folclórica alemã sob a perspectiva de pessoas com deficiência e demais participantes

Pesquisador: BRUNA POLIANA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 40324120.7.0000.5504

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

DADOS DO PARECER

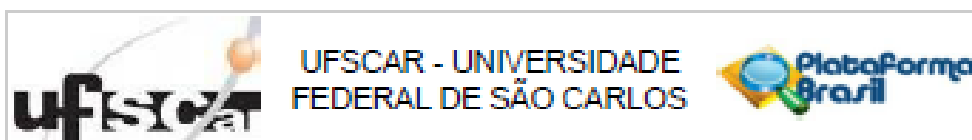
Número do Parecer: 4.477.273

Apresentação do Projeto:

As informações contidas neste campo foram extraídas do documento "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1656789", cujo título é "Repercussões da dança folclórica alemã sob a perspectiva de pessoas com deficiência e demais participantes". É possível encontrar estudos que relatam inúmeros benefícios da prática da dança para a pessoa com deficiência, mas ainda são escassas as pesquisas envolvendo a dança folclórica em específico. A proposta deste estudo é compreender o significado da dança folclórica alemã na vida de pessoas com deficiência. Para isso, a coleta de dados ocorrerá de forma on-line através de entrevistas semiestruturada. Com essa pesquisa espera-se: a) identificar e analisar a representação social oportunizada através da dança folclórica alemã para pessoas com deficiência; b) Analisar as repercussões da dança folclórica alemã na perspectiva das pessoas com deficiência, seus familiares e coordenadores/professores; c) identificar as possibilidades e os limites do ensino dança folclórica alemã sob a ótica dos coordenadores; d) analisar as impressões de integrantes do grupo em relação a participação da pessoa com deficiência.

Os registros iconográficos, documentos históricos, crônicas e cartas indicam que a dança sempre fez parte da vida do homem. No Brasil, os estudos acerca da dança se intensificaram em meados da década de 1980 (ROSSI; MUNSTER, 2013). Para Ceroni e Santiago (2009), a dança busca a harmonia, o despertar para os valores culturais, envolvendo os cuidados com o corpo, a saúde

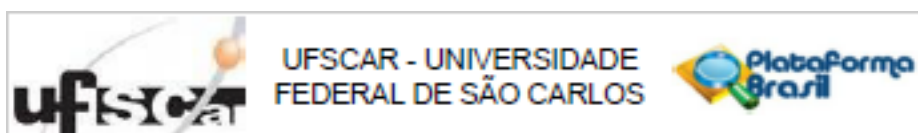
Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SÃO CARLOS
Telefone: (16)3361-9626 **E-mail:** cepumanos@ufscar.br



Continuação do Pensar: 4477.273

física e mental, bem como a formação do senso crítico, pois através da dança compreendem suas ações particulares e coletivas no tempo e no espaço em que atuam. Segundo Vargas (2003), a dança promove o desenvolvimento da personalidade de maneira equilibrada, propicia a aquisição de conhecimento, conceitualização, entendimento e aceitação do próprio indivíduo. Através da socialização oportunizada pela dança, a socialização acontece, pois com prática envolvida trabalha-se o "nós", ou seja, o conjunto, o grupo. O que reforça a segurança em si através do reconhecimento dos próprios movimentos. Dentre os tipos e estilos de dança temos a dança folclórica que é uma manifestação da cultura popular de um determinado povo formando sua identidade social, muitas vezes transmitido de geração para geração, normalmente este tipo de dança é realizado durante eventos sociais como festas e comemorações. Segundo Kleine (2009) o conceito "dança folclórica alemã" é construído no século XIX para descrever danças que pertenciam a um povo, uma nação. Antes disso a prática da dança era realizada totalmente de maneira voluntária transmitidas de geração em geração através da oralidade. A primeira dança considerada alemã foi a valsa, tanto na sua forma original como na mazurca. Historicamente, em algumas regiões da Alemanha as danças são caracterizadas por serem dançadas em quadrilhas (quatro pares), em outras, vários pares dispostos em círculo. Outra característica da dança folclórica alemã é ser dançada em círculo, podendo ser em par ou não, possibilitando que todos os dançarinos se vejam e interajam entre si. No geral, é possível perceber que as músicas retratam as profissões do local de origem. No entanto, nas danças infantis o repertório tem uma finalidade lúdica, é possível compreender do que se trata a dança lendo o seu título, acompanhando a letra da música, ou também através da coreografia apresentada. (SANTOS, 2017). Através da dança é possível representar momentos marcantes para as comunidades, como festas de plantio, colheita, casamentos, homenagem às profissões, brincadeiras. Essas danças foram registradas com o intuito de formalizar e preservar entre as futuras gerações, dessa forma, sendo possível nos dias atuais pesquisas históricas nestes registros, mantendo a legitimidade do folclore alemão. As danças reproduzidas pelos grupos folclóricos aqui no Brasil são repassadas por professores que trazem o material da Alemanha através de um curso voltado a coordenadores de grupos folclóricos realizado na Associação Cultural de Gramado (ACG). Foi observado por Georg Oims (1996), nos povos germânicos, a disseminação da cultura, a consciência étnica e incentivar a sua manutenção, transmitindo a principal característica da dança folclórica, que é a integração, socialização e diversão. (...) a manifestação cultural mais importante no contexto do folclore "alemão" praticado no Brasil é, de modo inquestionável, a dança folclórica, embasados em figuras e estilos tradicionais da dança folclórica alemã – como a valsa, a polca, e o plattler – e de trajes e adereços

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-605
 UF: SP Município: SÃO CARLOS
 Telefone: (16)3351-0835 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.477.273

utilizados por comunidades alemãs no passado, os especialistas do folclore organizam grupos de danças que procuram reproduzir tais práticas culturais. (VOIGT, 2018, p. 26). Os grupos de dança folclórica alemã são muito bem articulados com a comunidade local devido a oportunidade de representar uma cultura através da interação entre os participantes e a sociedade em suas apresentações culturais e organização de eventos, e como consequência são constituídas amizades, aproximações afetivas que se cristalizam na prática da dança e da convivência grupal. (FRANZEN; BADALOTTI; CHAVES, 2019). De um modo geral, a dança tem representatividade social, ou seja, tem sentidos e ao mesmo tempo determina e gera outros sentidos para a dança e a deficiência. Muitas pessoas com deficiência se reconhecem na dança, que tem sido uma possibilidade de se estar em sociedade. A dança pode ser um elemento de equilíbrio social para as pessoas com deficiência e/ou, possivelmente, de transformação pessoal e social (Alves et al., 2012).

A Hipótese do trabalho é: com a pesquisa espera-se entender quais são os benefícios da dança folclórica alemã na vida de pessoas com deficiência.

O Objetivo Primário da presente pesquisa é compreender o significado da dança folclórica alemã na vida de pessoas com deficiência.

Com relação à Metodologia Gil (2008, p. 28) a pesquisa descritiva como objetivo "[...]descrever as características de uma determinado grupo", geralmente utilizadas por pesquisadores sociais que preocupam-se com a atuação prática, enquadrando-se neste estudo. Já a abordagem qualitativa, para o autor, é um procedimento analítico que exige muito da capacidade e do estilo do pesquisador nas etapas de análise de dados para a redução, apresentação e verificação das informações coletadas."

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário da pesquisa está claro e bem delineado no documento "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1656789" e no projeto de pesquisa,

Como Objetivo Primário tem-se: "compreender o significado da dança folclórica alemã na vida de pessoas com deficiência".

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SÃO CARLOS
Telefone: (16)3381-9628	E-mail: cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 4.477.273

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios estão apresentados no documento "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1651909", no projeto de pesquisa e no TCLE.

Com relação aos benefícios, no documento "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1651909" e no projeto de pesquisa é apresentado como: "Quanto aos benefícios, cabe indicar que com sua participação, além da relevância social e científica, é possível que o sujeito contribua."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa foi redigido de acordo com os moldes de pesquisa acadêmica em nível de pós graduação, no campo da Educação Especial.

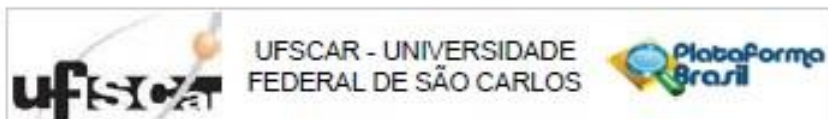
Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se por aprovar o projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1656789.pdf	10/11/2020 22:51:42		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	10/11/2020 22:51:14	BRUNA POLIANA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	29/10/2020 22:45:51	BRUNA POLIANA SILVA	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-908
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefones: (16)3361-0626 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.477.273

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	29/10/2020 22:45:34	BRUNA POLIANA SILVA	Aceito
---	-------------	------------------------	------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SÃO CARLOS, 19 de Dezembro de 2020

Assinado por:

ADRIANA SANCHES GARCIA DE ARAUJO
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SÃO CARLOS
Telefone: (16)3361-0695 E-mail: cephumanos@ufscar.br